

ARQUITECTURA



55-56

20\$00

CIDADES UNIVERSITÁRIAS

ARQUITECTURA

R. DR. ALEXANDRE DRAGA, 17 R/C. E-PORTUGAL TEL. 44779

S U M Á R I O

CIDADES UNIVERSITÁRIAS

1	Formação das Universidades — Arq. Huertes Lobo	3
2	Realizações contemporâneas — Arq. Keil do Amaral	6
3	Realizações e tendências actuais — Arq. M. Teinho	14
4	Novas instalações universitárias em Portugal — Arqs. José R. Botelho e Celestino de Castro	30
	Desenho de João Abel	28
	Inquérito aos estudantes universitários	35

ANO XXVIII • 2.ª SÉRIE • N.º 55-56
JANEIRO - FEVEREIRO DE 1956

DIRECTOR: ARQ. ALBERTO JOSÉ PESSOA . EDITOR: ARQ. JOÃO SIMÕES . PROPRIEDADE DE INICIATIVAS CULTURAIS ARTE E TÉCNICA, L. C. A. T. LDA . COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: SINTRA-GRÁFICA (A. MEDINA JÚNIOR), AV. HELIODORO SALGADO, 8-10, SINTRA . ADMINISTRAÇÃO: RUA DR. ALEXANDRE BRAGA, 8, 1.ª - LISBOA, TELEF. 43357 . GRAVURAS DA FOTOGRAVURA MARTINS & FERREIRA, LDA., RUA DE SÃO TOMÉ, 60, 2.ª . ASSINATURAS: PORTUGAL E ESPANHA; 6 NÚMEROS, 84800; 12 NÚMEROS, 100800; ULTRANAR PORTUGUÊS; 12 NÚMEROS, 120800 . OUTROS PAÍSES, 12 NÚMEROS, 150800; AS ASSINATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAMENTE E INICIAM-SE EM QUALQUER NÚMERO . DELEGAÇÃO NO NORTE: ATELIER DOS ARQUITECTOS ARMÉNIO LOSA E CASSIANO BARBOSA, RUA MAGALHÃES LEMOS, 111, 2.ª . PORTO

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CIDADES UNIVERSITÁRIAS

«Arquitectura», com os serviços reorganizados, entra num novo ciclo da sua existência, no qual, a par de uma constante valorização da Revista, se procurará alcançar a maior regularidade no que respeita à saída da publicação.

Demoras e atrasos inerentes à reorganização levada a cabo, fizeram com que este número, sobre Cidades Universitárias, de há muito preparado, só agora pudesse vir a público.

Esperamos, mesmo assim, que não seja de todo vão o nosso esforço — nem tampouco mal compreendido — e que alguma coisa da nossa contribuição possa ainda ser recolhida na ocasião em que está prestes a dar-se início à construção dos novos edificios universitários de Lisboa. Ninguém ignora a multidão de problemas que a construção de uma Cidade Universitária envolve, mas nem todos saberão encontrar, através dos exemplos do passado, até às realizações actuais em todo o mundo, uma linha de ligação, uma evolução de conceitos ou de objectivos, um estabelecimento de doutrinas. Mas incumbe aos architectos esclarecer a autoridade e a opinião pública sobre os problemas da architectura, contribuindo por todos os meios ao seu alcance para o melhor êxito das grandes tarefas da construção nacional. Mal nos ficaria, pois, se calássemos neste momento as nossas apreensões quanto à maneira como se irá edificar a nova Cidade Universitária. Obedecemos, assim, antes de mais nada, a um dever de consciência, como técnicos e como portugueses.

Pensa-se que as universidades tenham nascido da reunião entre mestres, entre alunos, ou de uns com os outros. É possível que umas resultassem só da iniciativa dos professores, outras dependessem da dos estudantes.

Eram corporações onde estavam incluídos os colégios, os seminários, os alojamentos, os centros de culto que a pouco e pouco se foram acumulando em redor do núcleo primitivo, ocupando por vezes grande parte de um ou mais bairros.

Como comunidades medievais obtiveram do suserano certos benefícios e privilégios, como os direitos de protecção que disfrutavam os estudantes tanto nacionais como estrangeiros. Chegaram mesmo como a de Oxford a disfrutar de autonomia completa no agregado urbano. E em fins do século XII algumas grandes escolas obtiveram para os seus licenciados, independentemente da nacionalidade, o direito de ensinar em qualquer lugar.

Pela amplitude e diversidade das suas instituições e dependências podem considerar-se já como cidades universitárias embora em fase embrionária. A universidade de Bolonha (1.000) e a Sorbonne em Paris (1.109) criaram orgânicas próprias que foram depois seguidas por muitas outras. Em toda a Península foi Bolonha que constituiu o modelo para os «estudos gerais».

Algumas como Cambridge e Oxford mantiveram até hoje as suas tradições, outras como Heildelberg tornaram-se mesmo a única razão de ser para a cidade a que pertencem.

Mas este culto da tradição não quer sempre dizer que exista um estado mental retrógrado, medievo. Assim em Cambridge, cujas edições se impõem no mundo das ideias, pela cotação dos seus autores, cujos grupos desportivos obtêm resultados brilhantes em todas as competições, possui um senado onde têm assento os alunos com o grau de Mestre de Artes, e de onde emanam os regulamentos universitários. Aqui como em Oxford, os alunos de reconhecida capacidade e sentido das responsabilidades, discutem os assuntos de maior transcendência e alcance na sociedade e no estado. Chegam a convidar membros do Governo para tomar parte nas questões. Lloyd George e Churchill, entre outros, interviewaram já nessas reuniões. E num terreno doado à Universidade de Cambridge ensaiam-se métodos de agro-técnica destinados à indústria agrícola de todo o país.

A Universidade de Cambridge é constituída por 20 colégios, sendo dois destinados a alunas.

Em cada colégio há uma biblioteca, um clube para os estudantes não graduados e os alojamentos para tutores ou instrutores e para os alunos tanto graduados como não. Contam ainda pátios e jardins. A área ocupada pelos colégios de Cambridge é cortada por vias públicas, e os espaços entre alguns deles são reservados a estabelecimentos comerciais. Porém cada colégio é uma unidade autónoma, isolada do exterior por meio dos corpos de alojamentos que abrem para pátios ajardinados interiores. Os campos de jogos estão separados dos edifícios dos colégios.

Cada professor da Universidade está ligado a um colégio por vínculos mais sociais do que profissionais.

Os tutores recebem nas suas dependências no respectivo colégio, os estudantes não graduados que orientam, indicam-lhes as leituras a fazer, informam-nos sobre os trabalhos de laboratório.

Periódicamente procedem a exames que lhes revelarão o domínio que o aluno tem sobre a matéria

do programa assim como o grau das suas capacidades.

Nem todos os tutores vivem nos colégios. Muitos têm os seus lares. No entanto poucos são os que não tomam as refeições na grande sala do refeitório uma ou mais vezes durante a semana.

O deão deve vigiar os hábitos dos colegiais e orientá-los também na aquisição da cultura e na arte de viver em sociedade.

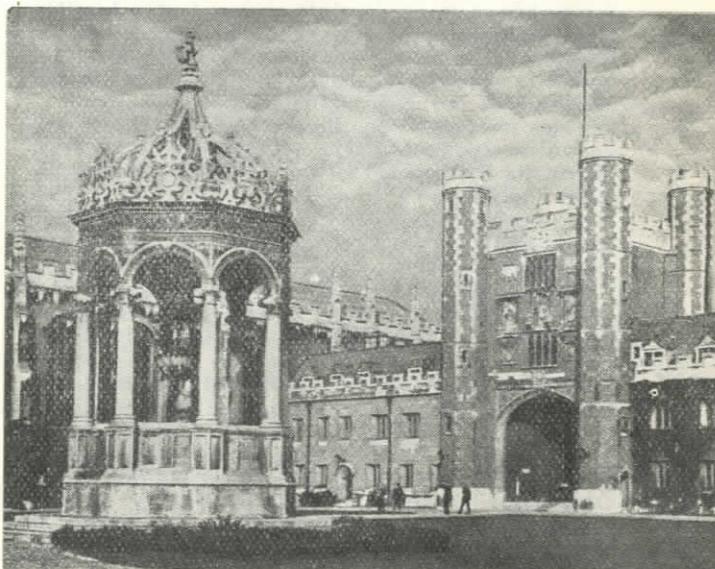
Em comparação com o número de tutores e de deões, é restricto o dos professores.

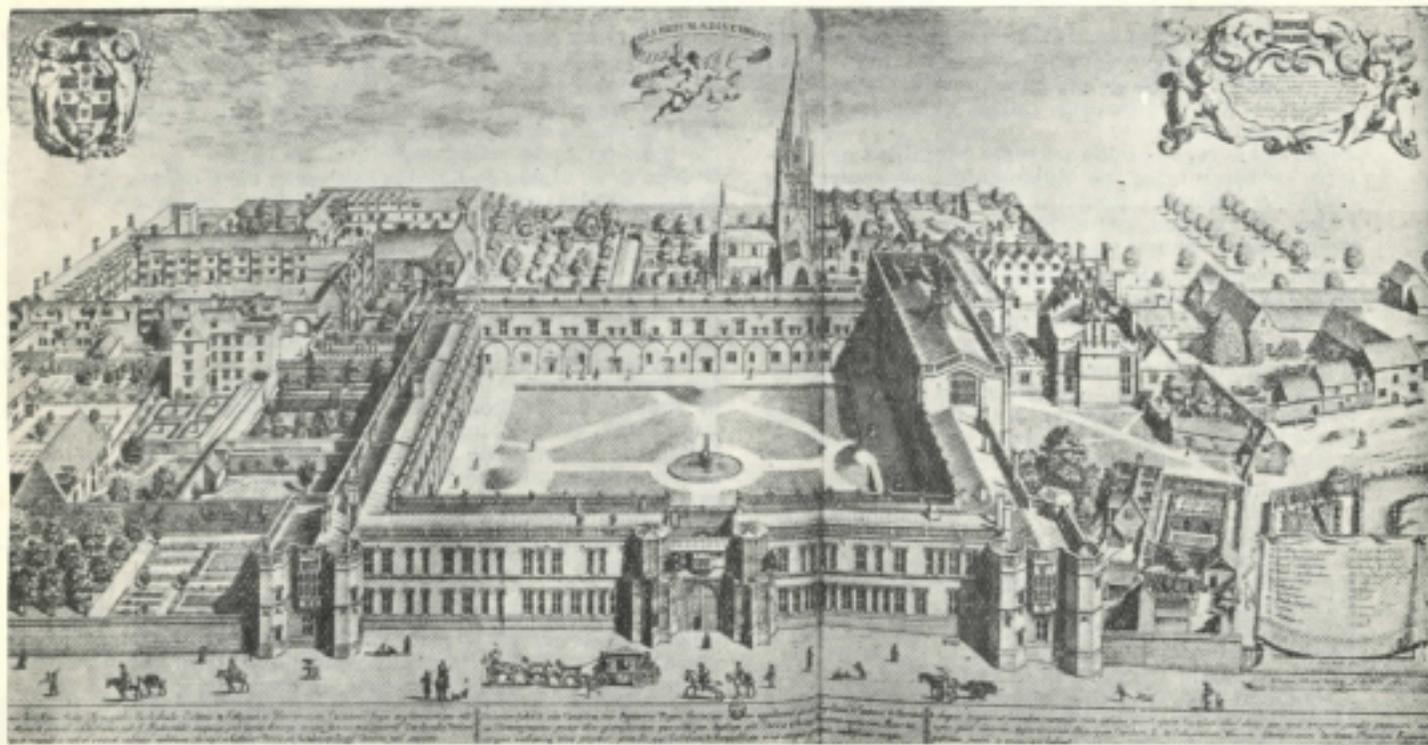
Na Universidade propriamente dita onde estão instaladas a direcção, as salas de aula e uma biblioteca central, é que se realizam os actos e se concedem os diferentes graus de formatura.

Em Portugal certos privilégios da universidade que se fundou em Lisboa (1.290) e foi pouco depois transferida para Coimbra (1308), como a possibilidade de o cargo de reitor vir a ser preenchido por um estudante, só terminaram quando D. Manuel I, protector eleito pela universidade, de novo em Lisboa, decretou que só um fidalgo ou pessoa constituída em dignidades poderia desempenhá-lo. Neste tempo incluiu-se a cadeira de filosofia natural na secção das artes, aumentaram as instalações; e os concursos, exames e actos adquiriram o cerimonial que em grande parte conservam ainda em Coimbra. Foram também concedidas pelo rei as primeiras bolsas, pagas pela feitoria de Flandres. No Colégio de Montaigne em Paris, «O Venturoso» estabeleceu uma fundação de 1.500 libras destinada ao sustento perpétuo de dois lugares para estudantes pobres.

No reinado seguinte, a pesar dos nomes de grande destaque, nacionais e estrangeiros que ascenderam ao corpo docente da universidade (outra vez em Coimbra), a sua projecção na cultura portuguesa nem sequer de longe respondeu ao que era lícito esperar. O que se fez nes'e campo, e foi muito, não veio da universidade, mas de meios estranhos a ela, do contacto com a vida, com as paragens mais recônditas e exóticas que o génio dos nautas ia devassando.

CAMBRIDGE — ENTRADA DO TRINITY COLLEGE





COLÉGIO CHRIST CHURCH EM OXFORD EM CUJO PLANO SE INSPIRARAM AS PRIMEIRAS UNIVERSIDADES AMERICANAS

A monomania teológica de farejar herejes em todos os cantos, o «mal do século», fez abortar os melhores esforços.

É certo que a partir de 1537 a Universidade ao lado das ordens religiosas, de alguns nobres e do povo opôs-se ao predomínio crescente dos Jesuítas, mas foram esforços vãos. Em 1541 fundou-se em Coimbra o primeiro colégio jesuíta a que muitos outros se seguirão, acabando o ensino superior por ser também por eles controlado.

Um dos mestres, Diogo de Gouveia, que fôra reitor da Universidade de Paris, aconselhou o rei a criar cinquenta bolsas no Colégio de Santa Bárbara em Paris (1526).

Jacob de Castro foi encarregado em meados do século XVIII em Londres, de estudar a reforma dos estudos médicos.

Os sábios ingleses aconselharam substituir a orientação medieval pelo espírito crítico e experimental, e para isso traduzir e difundir o «Novum Organon» de Francis Bacon.

Luis Verney redigiu em 1747 em Itália o «Verdadeiro Método de Estudar», a mais importante obra do século em Portugal, de que derivarão a reforma dos estudos e em parte a legislação pombalina.

Só a reforma de 1772, baseada em grande parte nos estudos pedagógicos do grande médico António Ribeiro Sanches, e organizada por D. Francisco de Lemos, João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho,

e D. Frei Manuel do Cenáculo, arcebispo de Évora, deu à universidade portuguesa uma estrutura condigna com o grau de desenvolvimento da ciência europeia setecentista.

Instituíram-se novas cadeiras: História Natural (incluindo física, química e ciências biológicas), Matemática, Direito Pátrio. Fundaram-se um observatório, um jardim botânico, museus de ciências naturais, de medicina e de tecnologia. A escolástica jesuítica, pretenciosa, ôca e repisada, seguiu-se o ensino baseado em exercícios práticos. Isto tudo realizado em Coimbra.

Em Lisboa, nas disciplinas criadas no Hospital de Todos os Santos, orientadas por grandes nomes da ciência portuguesa, preparou-se um corpo médico em nada inferior aos que podiam apresentar os mais avançados países de então.

A fundação da Real Academia das Ciências (1779) e a primeira expedição científica ao Brasil, dirigida por Rodrigues Ferreira (1783-93) são ainda consequências do aspecto eminentemente experimental e objectivo que adquirira o ensino superior renovado.

Passos Manuel dois dias depois de subir ao poder (12 de Setembro de 1836), toma disposições para manter o museu de arte criada no Porto por Pedro IV. Como acentua Luis Varela Aldemira, «o seu primeiro gesto como ministro, foi de natureza espiritual».

Seguem-se outras medidas da maior oportunidade. Limito-me a citar só as que se prendem com a instrução superior.

Os directores das escolas e das academias tiveram que entregar relatórios referentes ao estado em que se achava o ensino, e pareceres que entendiam ser necessários ao seu aperfeiçoamento.

Fundação das Academias de Belas Artes de Lisboa e do Porto.

Criação dos Conservatórios de Artes e Ofícios de Lisboa e do Porto: depósitos gerais de máquinas, utensílios, modelos, desenhos comparativos e descrições gráficas sobre as indústrias. Anos volvidos, este material passou a fazer parte dos Institutos Industriais (1852).

Criação do Conservatório de Arte Dramática, medida que se liga à da organização do Teatro Nacional e da Inspeção Geral dos Teatros.

Aprovação do plano de José Alexandre de Campos, actualizando os cursos científicos da Universidade de Coimbra e transformando as escolas de cirurgia de Lisboa e do Porto em escolas médico-cirúrgicas. Fundação da Escola Politécnica para os que seguem cursos científicos e os que destinam às carreiras naval e militar.

Transformação do antiquado centro de ensino que era a Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho, na Escola do Exército para aperfeiçoamento de oficiais.

Decreto de garantia de propriedade sobre patentes de novos inventos, que de harmonia com o Código Penal, impede a usurpação e o plágio de obras originais, incluindo as realizadas no campo das letras e das artes.

Eis algumas disposições de reforma, e não as indiquei todas, que applicadas ainda hoje seriam da maior utilidade.

Encerro esta curta mas indispensável citação da obra de Passos, com as palavras justas de Varela Aldemira:

«Hoje, no século das velocidades, das inquietações renovadoras, da máquina e da técnica agitando o Mundo, quatro meses mal chegam para o govêrno tomar posse do seu cargo, receber cumprimentos e nomear os seus secretários.

Todavia bastou esse curto espaço de semanas, para se modificar totalmente a vida social de um povo. O setembrismo dinamizava os princípios de construção e regeneração, extraindo deles a força radical para a cura de uma raça enferma».

Em 1911, já em regimen republicano reorganizaram-se os serviços artísticos e arqueológicos, o ensino médico que passou a contar com o Hospital Clínico.

A investigação científica foi oficialmente considerada como uma missão universitária. Fundaram-se numerosos laboratórios nos três centros universitários do País, o Instituto de Oncologia, construído recentemente, o Instituto Rocha Cabral, a Sociedade Portuguesa de Biologia, a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, O Aquário Vasco da Gama em Lisboa, a Sociedade Portuguesa de Etnologia e de Antropologia do Porto, e muitas outras instituições da maior utilidade, pelas quais se procurava responder ao prodigioso desenvolvimento técnico que se vinha processando desde fins do século XIX.

Novos problemas de implantação, programas muito vastos eram a consequência inevitável deste surto da mecânica, sem precedentes na História.

Foi nos Estados Unidos, um dos países onde a revolução industrial se manifestará mais intensamente, que primeiro se concebeu um conjunto har-

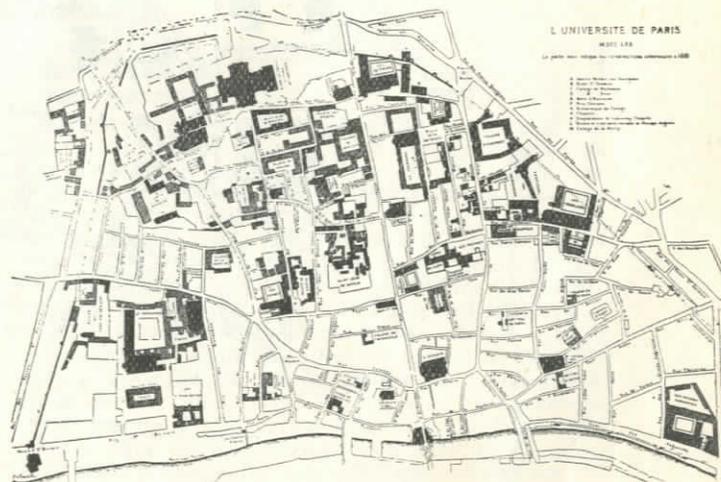
mónico de centros de estudo universitário onde a actividade desportiva (herança anglo-saxónica) pesou tanto como a didáctica ou a previsão de alojamento para alunos, professores e funcionários. Contando com grandes áreas e capitais avultados, produto de doações dos reis da finança, puderam os projectistas distribuir generosamente os diferentes serviços, campos de jogos, parques e lagos. No partido adoptado (espaço rectangular ladeado por edificios, deitou também o antecedente britânico, presente nos velhos colégios como Christ Church em Oxford.

Se quanto ao serviço e desempenho das várias funções a realizar num centro de educação tão complexo, estes edificios respondem plenamente; a sua arquitectura manteve-se prisioneira nas malhas do academismo, recorrendo às colunatas, cúpulas e demais ingredientes, que depois das inovações de Miguel Ângelo ficaram a marcar no firmamento da arte, a estética do génio criador, como poeiras heterogéneas e íntimas arrastadas na órbita dos grandes corpos celestes.

Na Alemanha, outro país particularmente beneficiado pelo incremento industrial, surgiu também um notável conjunto universitário entre o frondoso copado do Tiergarten de Berlim (1880-1900). Neste centro de ensino técnico superior reuniram-se as escolas de engenharia, o conservatório, a escola de artes e outros institutos. Depois da primeira guerra mundial foi ampliado com o Instituto de Física e Planetário.

HUERTAS LOBO

BAIRRO LATINO - 1770: UNIVERSIDADE DE PARIS



2 No último quartel do século XIX e no primeiro do século XX a extraordinária expansão das cidades «submergiu» algumas das antigas universidades que dentro delas funcionavam desde tempos mais ou menos remotos. A necessidade de construir alojamentos para as populações em rápido crescimento, de abrir artérias amplas para um trânsito de novas características, e a multiplicação das indústrias e dos estabelecimentos comerciais, atabafaram os velhos Institutos, Faculdades e Escolas Superiores.

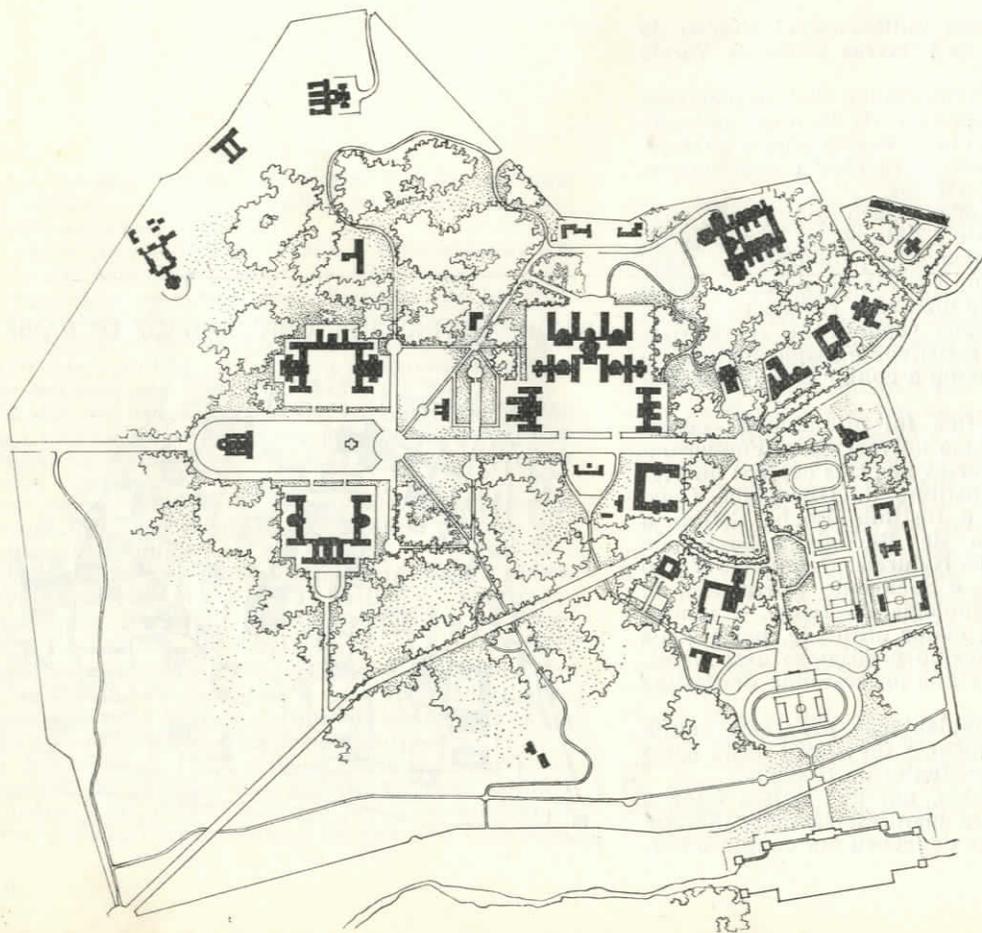
Por outro lado, o desenvolvimento das ciências, das técnicas, dos estudos especializados, originou uma modificação profunda dos programas e dos métodos de ensino, com a conseqüente necessidade de instalações escolares de tipo diferente do tradicional. Além do que, ao aumento das populações e às novas condições de vida, correspondeu um aumento substancial do número de estudantes universitários.

Os edifícios onde o ensino superior era ministrado vieram, pois, a revelar-se inadequados e insuficientes; mas pensou-se ainda resolver o problema, primeiro com obras de ampliação e depois, esgotado o recurso, com soluções que a experiência cedo revelou defeituosas: a construção de novos edifícios — um aqui, outro ali, onde havia terrenos urbanos disponíveis na ocasião.

Como as cidades continuavam a crescer, o número de estudantes a aumentar e a Ciência, a Arte e as Técnicas a enriquecer-se de possibilidades e a revelar uma interdependência antes insuspeitadas, houve, finalmente, que encarar o problema em bases mais largas e adequadas às circunstâncias: o abandono completo dos antigos locais, mesmo daqueles com tradições seculares e a concentração em vastos terrenos urbanos, menos centrais mas de fácil acesso, de todo um complexo conjunto de instalações, não só Faculdades, Institutos e Escolas, mas também de outras, destinadas ao convívio, ao recreio, ao desenvolvimento físico dos estudantes e, até, à sua residência. A experiência de conjuntos dessa natureza e envergadura, construídos duma assentada, já tinha sido feita nos Estados Unidos, onde, como se sabe, se tornara necessário, por falta de universidades tradicionais, criá-las de novo. Homens fabulosamente enriquecidos naquele país pela especulação agrícola ou industrial, doaram essas Universidades. Mecenas de um novo tipo, furtavam-se assim ao olvido «post-mortem» e ao Fisco que lhes levaria uma avultada parte dos bens, sem glória nem grandeza.

Berkley, Columbia, Massachussets, Houston, Harward, Yowa, Colorado são nomes a fixar entre os desses centros de ensino superior nos Estados Unidos, desses conjuntos de edificações agrupadas simetricamente num «campus» de vastas proporções e suaves relvados.

Na Europa, as primeiras cidades universitárias construídas neste século, em novos moldes, são as de Atenas, Oslo, Roma e Madrid. Aqui, porém, embora com alguns donativos particulares foram os governos nacionais quem promoveu e financiou a sua construção.



PLANO DE CONJUNTO DA
CIDADE UNIVERSITÁRIA
D E M A D R I D



CIDADE UNIVERSITÁRIA DE MADRID — VISTA AÉREA

PLANIFICAÇÃO DAS NOVAS CIDADES UNIVERSITÁRIAS

Dum modo geral a concepção e a materialização destes centros de ensino superior foi levada a cabo por comissões de educadores e equipas de técnicos especializados, pois envolvia uma tremenda responsabilidade erguer de um jacto, tão complexo conjunto de edificações de mais a mais numa época de renovação ainda mal definida.

Para a Cidade Universitária de Atenas foi incumbida cada Faculdade de estudar e fornecer o programa pormenorizado das dependências e de equipamento do futuro edifício; e o arquitecto Em. Kriesis recebeu o encargo de ordenar esses programas num conjunto arquitectónico, de projectar os edificios respectivos e de dirigir a sua construção, à frente de uma equipa de arquitectos e engenheiros.

Para a de Oslo foi aberto um concurso, ganho pelo arquitecto-urbanista Sverre Pedersen, para a escolha de um local, plano de conjunto e sua integração na cidade. Um segundo concurso, aberto em 1926, atribuiu aos arquitectos Finn Bryn e Johan Ellefesen a elaboração dos projectos tipos das edificações.

Para a de Roma, iniciada em 1927, confiou-se ao arquitecto Marcello Piacentini, o estudo do conjunto e a direcção geral das obras. Trabalharam sob a sua orientação, 12 arquitectos e um elevado número de engenheiros e de especialistas.

Para a de Madrid, iniciada em 1930, confiou-se a uma comissão de 40 membros o estabelecimento de um programa geral e ao arquitecto Lopez Otero

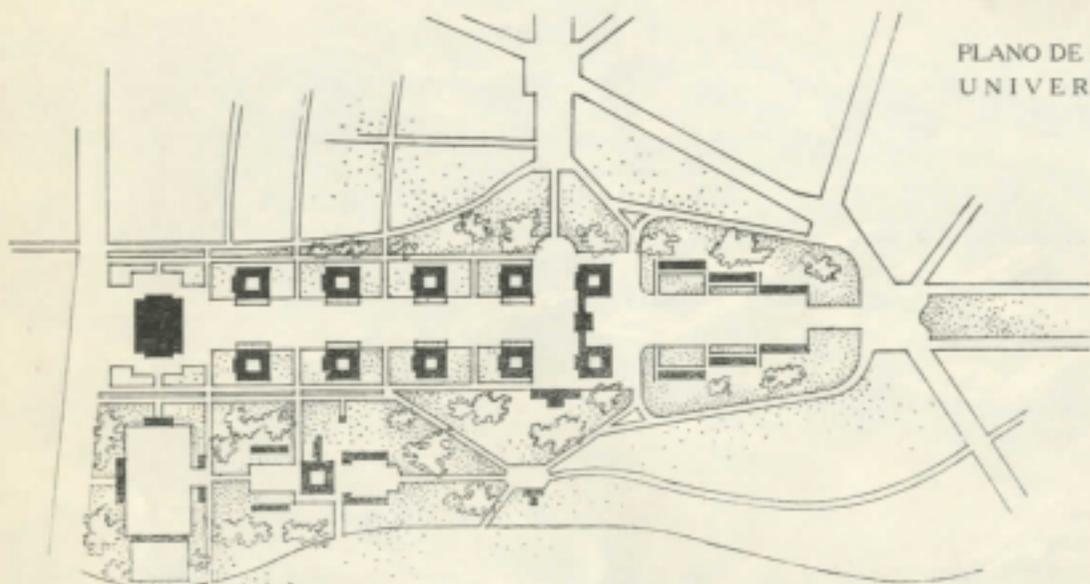
a elaboração do plano de conjunto e a direcção dos trabalhos. Constituiu um gabinete técnico, de que faziam parte os arquitectos Aguirre, Lacasa, Arcos, Santos, Bravo e os engenheiros Torroja, Arcas e Petrirena e rodeou-se ainda de vários outros técnicos para o auxiliarem na tarefa gigantesca.

A cidade Universitária de Paris, iniciada em 1923, é um caso à parte, pois trata-se de um conjunto exclusivamente residencial. No entanto, a pesar da menor responsabilidade em jogo, os arquitectos Bechmann, Forestier e, finalmente, M. Azema, planificaram a organização e a distribuição dos edificios.

LOCALIZAÇÃO

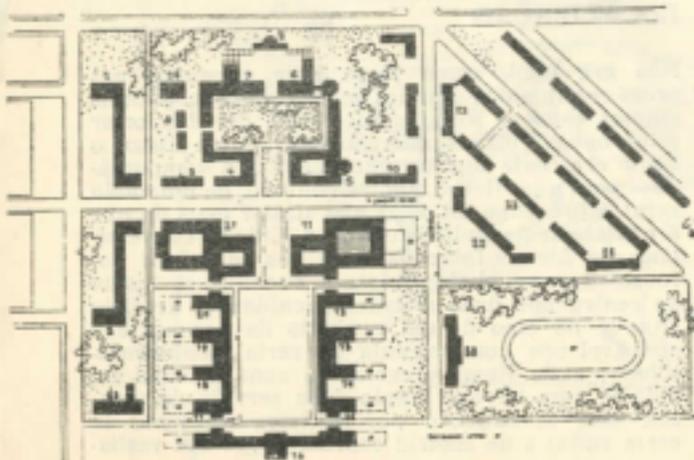
Não era fácil, como já se disse, encontrar nas áreas centrais dos grandes aglomerados urbanos os amplos espaços livres susceptíveis de comportar estas novas cidades universitárias. Além disso, o valor crescente dos terrenos ajudou a «empurrá-las» para a periferia. Houve contudo, de um modo geral, a preocupação de as não afastar mais do que o estritamente indispensável. A Cidade Universitária de Atenas foi construída nos subúrbios noroeste da capital da Grécia e encontra-se ligada ao centro por duas grandes avenidas; a de Oslo situa-se no eixo de um conjunto de parques e é acessível por uma avenida de certa monumentalidade; a de Roma ergue-se na zona oriental da cidade, num terreno amplo, bem servido de acessos, mas já rodeado por edificios modernos de certo vulto; a de Madrid espraia-se por um vastis-

PLANO DE CONJUNTO DA CIDADE
UNIVERSITÁRIA DE OSLO



PLANO DE CONJUNTO DA CIDADE
UNIVERSITÁRIA DE ATENAS

- | | |
|----------------------------------|---------------------------|
| 1 — Direito | 12 — Zoologia |
| 2 — Filosofia | 13 — Paleontologia |
| 3 — Biologia | 14 — Mineralogia |
| 4 — Higiene | 15 — Botânica |
| 5 — Anatomia | 16 — Física |
| 6 — Patologia | 17-20 — Química |
| 7 — Fisiologia | 21 — Biblioteca |
| 8 — Restaurante | 22 — Hospitais e clínicas |
| 9 — Animais | 23 — Clube e Estádio |
| 11 — Museu de Hist. Natu-
ral | 24 — C. Térmica |

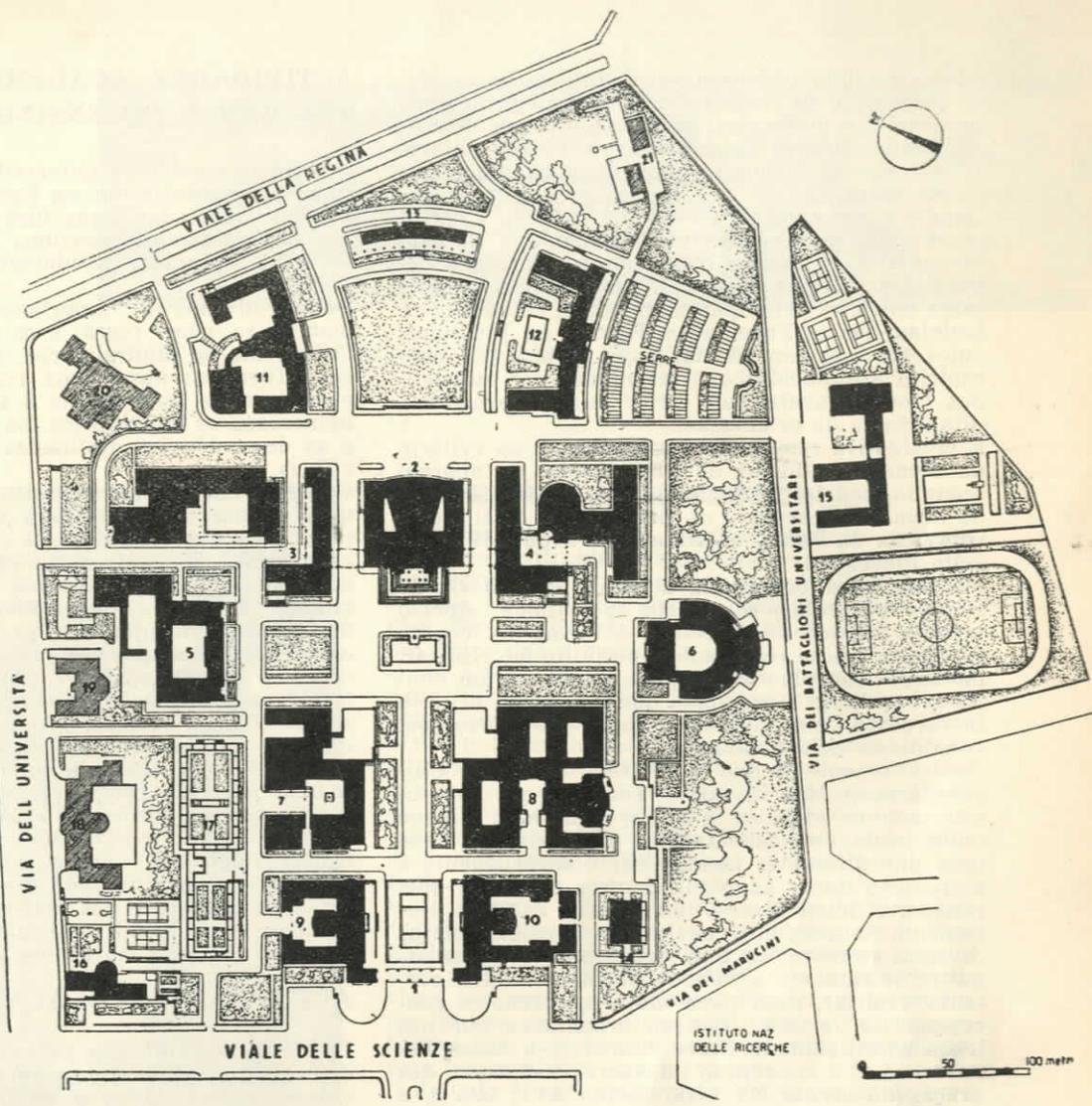


simo terreno de 320 hectares, situado a noroeste da cidade, com acesso franco e fácil. No critério e na largueza com que foi escolhido e delimitado esse terreno, a Cidade Universitária de Madrid surge nitidamente em avanço em relação às outras; a de Paris acumula numa dupla faixa de terreno fronteira ao parque de Montsouris, a sua fundação Deutsch de la Meurthe, a sua Casa Internacional e os pavilhões de um grande número de países. Na parte posterior desse conjunto de edifícios construiu-se um parque, cujas árvores estão em pleno desenvolvimento e diversos terrenos de jogos desportivos.

OS PLANOS DE CONJUNTO

Muito embora com nítidas diferenças de uns para os outros, os planos gerais destas novas cidades revelam certas características comuns, pouco vulgares quer nas antigas, quer nas mais recentes. Os acessos e a rede interna das artérias sofrem de um excesso de rigidez geométrica. A régua e o esquadro impuzeram-se em demasia à natureza. Além do que não se encontram tão claramente diferenciadas quanto seria para desejar as circunções destinadas aos peões-estudantes e aos veículos. Alguns pátios ou largos amplos, enquadrados pelos edifícios, garantem um certo recato e tranquilidade à população escolar fora das aulas (casos de Atenas e de Roma, por exemplo); mas, de um modo geral, não se levaram mais longe as preocupações quanto a essa matéria. As zonas livres e as zonas arborizadas não foram, salvo o caso de Madrid, previstas e tratadas com muita largueza. No caso de Oslo, a cidade universitária, menos densa de edificações, beneficia ainda da vizinhança de parques; mas é a de Madrid que, efectivamente, se apresenta, quanto a esse aspecto, em condições nitidamente melhores. O «deserto universitário», como chamavam por troça ao enorme terreno livre e revolvido que circundava as construções está dando lugar a mais de duas centenas de hectares de parque e recintos para recreio e jogos. Além do agradável enquadramento que proporcionam aos vários núcleos de Faculdades, esse parque

- 1 — Entrada
- 2 — Reitoria
- 3 — Direito e Ciências Políticas
- 4 — Letras e Filosofia
- 5 — Mineralogia
Paleontologia
Geologia
- 6 — Matemáticas
- 7 — Física
- 8 — Química
- 9 — Higiene e Bacteriologia
- 10 — Clínica ortopédica
- 11 — Botânica e Farmácia
- 13 — Caserna da Milícia Universit.
- 14 — C. Térmica
- 15 — Casa dos Estudantes
- 16 — Círculo
- 17 — Monumento aos Estudantes Mortos na Guerra
- 18 — Clínica Psiquiátrica
- 19 — Instituto de Medicina Legal
- 20 — Fisiologia e Farmacologia
- 21 — Estufas



PLANO DE CONJUNTO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DE ROMA

C. U. DE ROMA. VISTA AÉREA



e esses recintos oferecem possibilidades de estudo, de passeios e de desenvolvimento físico, no mais saudável dos ambientes. Acresce ainda que as possibilidades futuras de extensão da cidade universitária são ali imensas, o que não acontece nos outros casos.

Quanto à composição, é evidente o apego a certos princípios tradicionais, nomeadamente o da monumentalidade axial e o do enquadramento simétrico das artérias e praças. Perspectivas abertas sobre edifícios principais definem as composições. Ladeiam-nas as Faculdades, Escolas ou Institutos, cujos recortes em planta, cujos volumes e cujo espírito arquitectónico, tiveram que ser submetidos (forçadamente, com frequência) a essa disciplina rígida de orientação.

É elucidativa quanto à preocupação e ao critério da monumentalidade, da imponência, do aparato segundo modelos tradicionais, a seguinte passagem da memória descritiva do projecto da cidade universitária de Roma, da autoria do arquitecto Marcello Piacentini:

«O tema arquitectural da Cidade Universitária de Roma apresentava-se-me sob o triplice aspecto urbano, técnico e económico. A forma do terreno escolhido, quase rectangular, permitiu-me realizar, na disposição planimétrica dos edifícios, um conjunto recolhido e ordenado quase com um critério hierárquico, em relação à construção principal constituída pelo Reitorado.

Contrariamente ao que se verifica na Cidade Universitária de Madrid, que se encontra em construção, onde os edifícios se dispersaram num terreno muito vasto, com aglomerações especiais para cada uma das diferentes faculdades; contrariamente à disposição linear adoptada noutros casos, eu quis retomar e desenvolver, muito antigo e tipicamente italiano, que consiste em compor, com as diversas construções, uma praça bem definida arquitectonicamente e volumetricamente. Quis, portanto, realizar, num tema muito moderno, a concepção da melhor tradição urbanística que nos legou a Antiguidade Greco-Romana e a nossa Renascença. É a concepção do Agora, do Forum, das praças do século XV e do século XVI; isto é, a expressão completa e complexa da nossa construção urbana que se traduz neste novo organismo e perpétua, em formas modernas, o espírito da civilização antiga».

E é curioso transcrever também uma passagem da revista brasileira «Habitat» (n.º 15, de Abril de 1954) sobre essa mesma obra, para elucidar o que acerca dela se pensa hoje, em vastíssimos sectores do Mundo artístico e intelectual:

«A cidade universitária de Roma, construída em regime fascista, representa bem aquele tipo de arquitectura reléica tão apreciada pelos regimes dictatoriais.

Nas arquitecturas desse género pensa-se mais no «efeito magni-loquente» do conjunto dos edifícios do que no bom funcionamento dos mesmos; qualquer consideração útil fica em segundo plano; o que se quer é só «maravilhar». Exemplo perfeito de um conjunto de edifícios representativos de uma cultura sobre bases erradas; uma cultura que precisa ser reformada com a máxima urgência». Na cidade universitária de Madrid, muito embora subsistam demonstrações evidentes de uma preocupação geral de monumentalidade obtida pelos mesmos métodos da «grande composição axial», os edifícios agrupam-se por afinidades em vários núcleos separados, o que atenuou a rigidez do conjunto e deu maior liberdade à concepção de cada edifício.

ACTIVIDADES ACADÉMICAS E CARÁCTER GERAL DO ENSINO

Nos novos conjuntos universitários o ensino continua a ser ministrado em Faculdades, Institutos e Escolas, dedicadas, cada uma delas, a um sector dos conhecimentos humanos; mas os sectores das Ciências dominam nitidamente os das Humanidades.

Nestes últimos a importância da preleção oral mantém-se, como regra; e os edifícios revelam-no claramente na multiplicação das salas de aula, ou de anfiteatros; nos outros, conquanto se conceda ainda grande importância à preleção oral, são já numerosos os laboratórios, os gabinetes de estudo e as dependências destinadas a actividades específicas.

Está fora dos nossos propósitos e do nosso alcance uma análise pormenorizada das disciplinas, dos programas e dos métodos de ensino adoptados em cada uma das universidades de que nos vimos ocupando. Parecem evidentes, contudo, certas conclusões, mesmo a quem não possua sobre esses dados conhecimentos mais pormenorizados do que os que pudemos obter. A principal diz respeito ao carácter «menos passivo», por parte dos estudantes, da sua formação universitária. Muito embora se mantenham formas, processos e orgânicas didácticas de tipo tradicional, parece que a feição «arejada» dos edifícios e do seu equipamento contribuiu para um certo «arejamento» das relações entre mestres e discípulos e para uma participação mais activa, cooperante, destes na sua própria formação intelectual; assim como contribuiu para uma maior acessibilidade e aproveitamento escolar, principalmente nas matérias onde é essencial a experimentação e o conhecimento directo, objectivo, dos assuntos em estudo.

ACTIVIDADES NÃO ACADÉMICAS

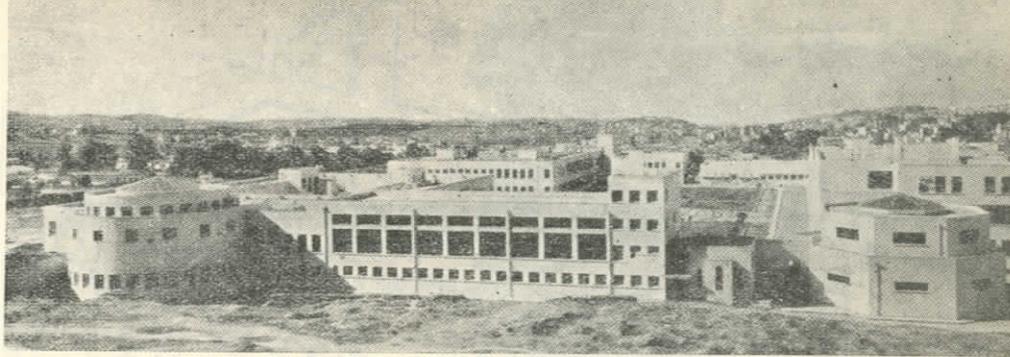
Há um nítido interesse pelas actividades não académicas dos estudantes (e até dos professores) nas cidades universitárias contemporâneas. O exemplo de Oxford e de Cambridge, posteriormente aproveitado pelos americanos, foi tomado em conta; apenas, talvez, sem a amplidão conveniente e, em alguns casos, mais como uma concessão aos novos tempos do que como uma parte fundamental da organização da vida do estudante, com vista à sua formação integral.

Contudo, residências para estudantes, campos desportivos, locais de reunião e de convívio, teatros experimentais, etc., são elementos já de relativa importância nas novas cidades universitárias e prestam inestimáveis serviços à criação de um ambiente de trabalho colectivo em condições de grande eficiência e prazer.

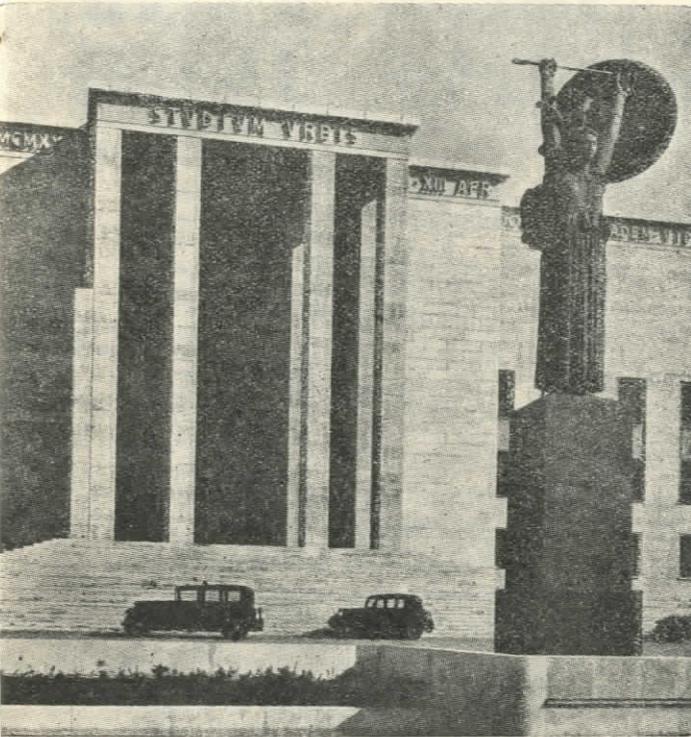
Este aspecto conta, porventura, entre aqueles que mais merecem ser destacados.

E certas «confusões» (como a da construção, na cidade universitária de Roma, de um «Quartel para a Juventude Universitária Fascista») não chegam para lhe desvirtuar os benefícios.

A cidade universitária de Paris é, como já se disse, exclusivamente destinada à residência, ao recreio e ao convívio dos estudantes; mas não apenas de estudantes franceses. Numerosos países construíram ali os seus pavilhões nacionais, para onde enviam, ou onde aceitam, compatriotas que frequentam os cursos superiores ou de especialização da Cidade-Luz.



CONJUNTO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DE ATENAS



C. U. DE ROMA. ENTRADA DO ANFITEATRO

EXPRESSÕES ARQUITECTÓNICAS

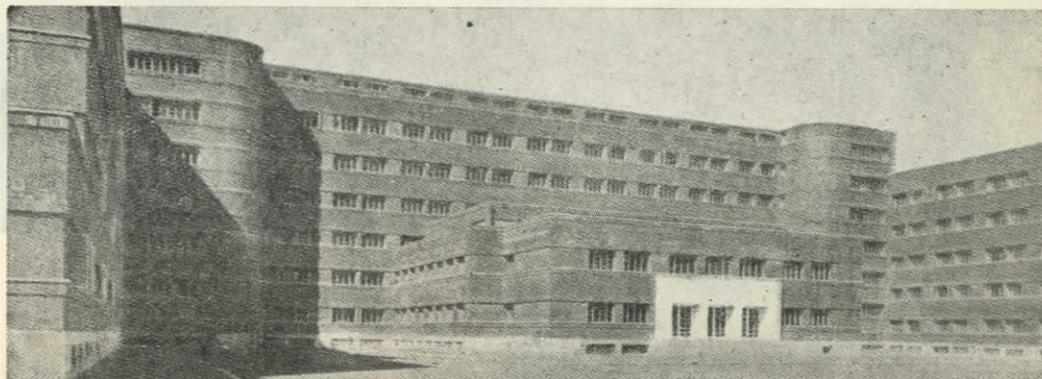
As novas correntes da arquitectura, que em todo o mundo civilizado se têm imposto a despeito das resistências habituais em casos semelhantes, enformam os edificios destes conjuntos universitários. No entanto há diferenças nítidas de expressão entre uns e outros.

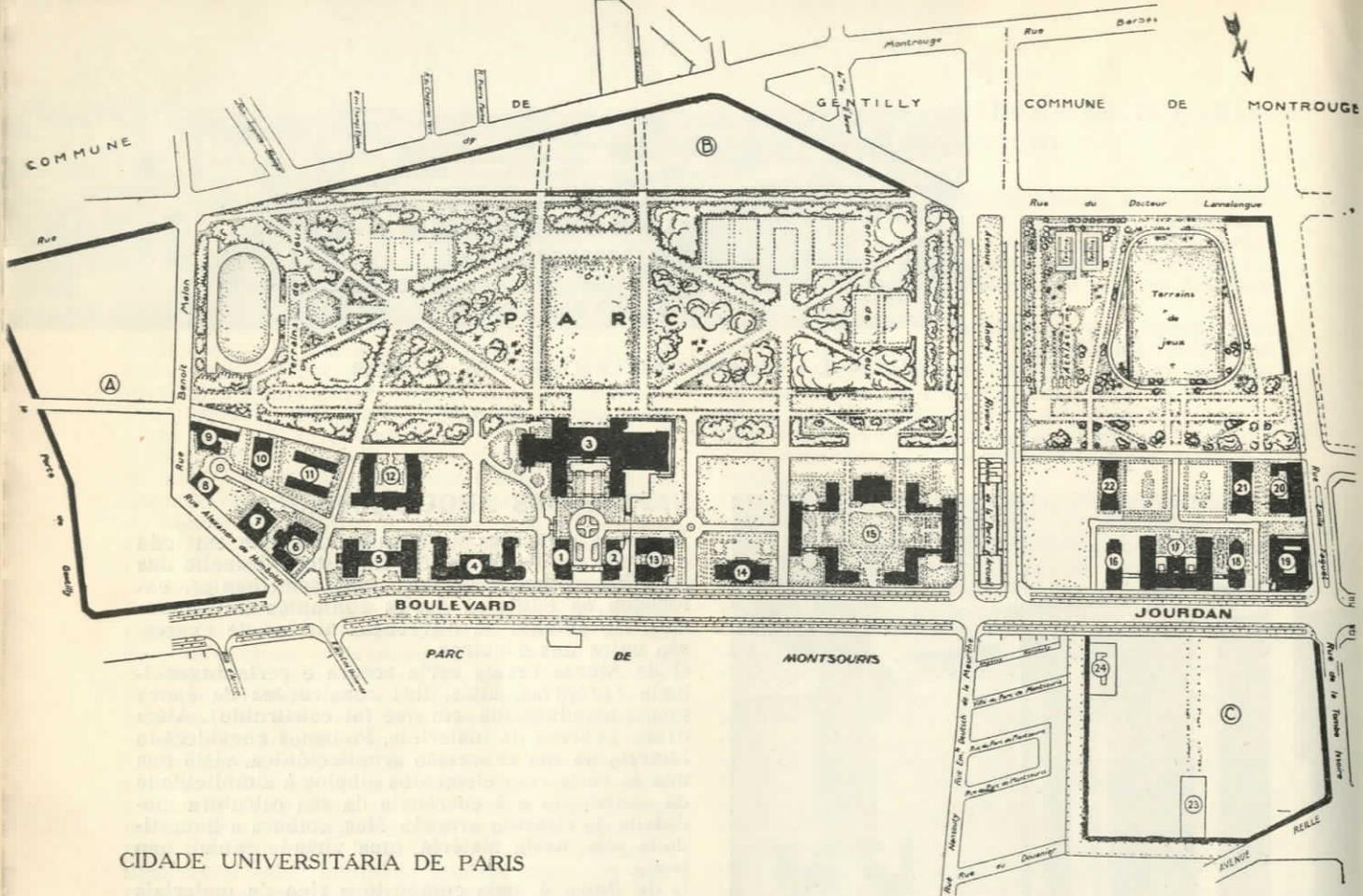
O de Atenas revela certa secura e certa ingenuidade (próprias, aliás, das construções da época pouco amadurecida, em que foi construído). Além disso, pobreza de materiais. Podemos considerá-lo honesto na sua expressão arquitectónica, visto que não se veste com elementos alheios à simplicidade da concepção e à coerência da sua estrutura modulada de cimento armado. Mas, embora a honestidade seja, nesta matéria, uma virtude capial, não basta.

O de Roma é mais composto e rico de materiais (revestimentos de cantarias, mármore, etc.). Visa efeitos de monumentalidade e consegue-os; mas de uma monumentalidade estática, pesadona, pretenciosa por vezes. As fachadas não traem a coerência interna dos elementos estruturais e de compartimentação; mas forçam-nos, com certa frequência, para obter efeitos espectaculares.

O de Oslo é mais simples do que ingénuo; de uma simplicidade desejada, procurada mesmo, com certo esforço de estudo. E corresponde, assim, intimamente, ao carácter geral do povo norueguês. Um edificio-tipo, de planta quadrangular e com 5 pavimentos, repete-se e abriga, apenas com di-

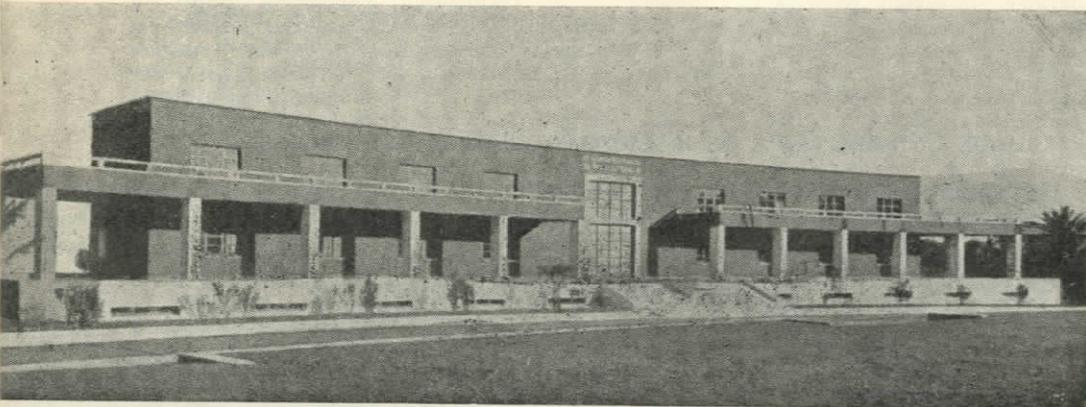
CIDADE UNIVERSITÁRIA DE MADRID, FACULDADE DE CIÊNCIAS





CIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARIS

- | | | |
|-----------------------------------|---------------------------------------|---------------------------|
| 1 — Administração | 9 — Suíça | 16 — Monaco |
| 2 — Serviço Médico | 10 — Suécia | 17 — Províncias da França |
| 3 — Casa Internacional | 11 — Espanha | 18 — Fundação Arménia |
| 4 — Estados Unidos da América | 12 — Inglaterra | 19 — Holanda |
| 5 — Bélgica | 13 — Argentina | 20 — Indochina |
| 6 — Instituto Nacional Agronómico | 14 — Canadá | 21 — Cuba |
| 7 — Japão | 15 — Fundação «Deutsch de la Meurthe» | 22 — Grécia |
| 8 — Dinamarca | | 23 — Ténis coberto |



C. U. DE ROMA.
CASERNA DA MELÍCIA FASCISTA

ALGUNS PAVILHÕES DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARIS

ferenças na divisão interna, as várias Faculdades. Para a das ciências naturais, com maiores necessidades de espaço, agruparam-se dois desses blocos.

O de Madrid possui, de um modo geral, edifícios sóbrios, mas pesados e sem grande poder de invenção. Impõem-se pelo tamanho e, em alguns casos, pelo agrupamento.

As suas estruturas de cimento armado, aparentes no interior, surgem em fachada, se não traídas, pelo menos disfarçadas. Quando da reconstrução da cidade, muito danificada pela guerra civil, o arquitecto Lopez Otero projectou algumas construções monumentais de tamanho e de intenções. E essas, embora ricas de materiais e concebidas com evidente largueza de meios, são de uma indigência confrangedora, quanto à inventiva e à expressão arquitectónicas.

Acerca da cidade universitária de Paris, transcreve-se a seguinte passagem de uma nota explicativa do arquitecto Alexandre Persitz:

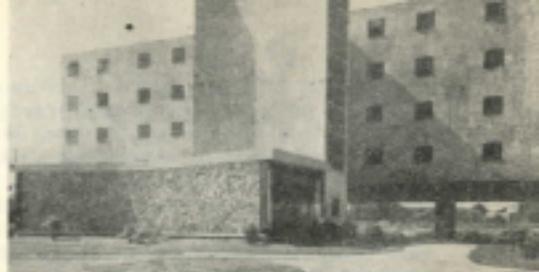
«Poderia ter sido um conjunto grandioso, se uma proporção dos volumes e dos princípios da arquitectura em comum houvessem sido impostos para criar uma verdadeira unidade. Mas a vizinhança de edificios demasiadamente próximos, todos de estilos particulares, pouco em relação com as tendências da arquitectura contemporânea, em oposição violenta uns com os outros, cria uma impressão penosa de exposição universal. Dizem-nos que era uma necessidade. Sê-lo-ia? Em todo o caso é lamentável!»

INTEGRAÇÃO DAS ARTES PLÁSTICAS

São relativamente poucas e nem sempre felizes as intervenções dos pintores e escultores. Culpas de monta cabem aos arquitectos, que não souberam tirar dessa colaboração todo o partido desejável, nem integrar convenientemente as obras alheias nas suas.

A cidade universitária de Roma leva sobre as outras nesse capítulo, um apreciável avanço. Muito embora a pintura e a escultura sublinhem, por vezes, certos intuitos espectaculares pouco adequados, possuem elevado valor intrínseco e valorizam, com maior unidade, os edificios e os conjuntos de que são elementos integrantes.

KEIL AMARAL



3 Depois da última guerra assistimos em todos os continentes ao surto de Centros ou Cidades Universitárias, por efeito da pressão crescente das necessidades e exigências da vida moderna. Verdadeiros Centros autónomos de estudo e de pesquisa, estas Cidades são já, ou virão a ser, equipadas com todos os serviços e atributos necessários a uma comunidade urbana, dimensional e funcionalmente bem definida.

Trata-se não já da afirmação de uma ideia, de um conceito do labor e vida universitários, formulados em maior ou menor grau de acerto nas anteriores realizações (ver capítulo anterior), mas sim, e por inflexão da linha evolutiva do tema, da concretização de uma necessidade eminentemente posta pelo nosso tempo. Desloca-se portanto o tema do campo ideal e programático, sujeito por natureza a todas as flutuações políticas e económicas, para o quadro das realidades sociais.

Nesta base o Centro Universitário ganha proporções que o colocam ao nível dos outros temas do equipamento urbano, tão naturalmente como os transportes e comunicações, a indústria, a habitação, etc. E por consequência para se lhe apreciar a grandeza, e o poder resolver em liberdade, houve que o isolar para o reintegrar; tal como acontece com qualquer daquelas outras funções urbanas.

Se olharmos de perto as causas que determinaram esta inversão do problema, relativamente ao seu comportamento social, verificamos com efeito que no aspecto político do pós-guerra nenhum governo se pôde subtrair às crescentes exigências da população nesta matéria de aquisição e transmissão de conhecimentos e cultura. Por outro lado os mesmos governos reconhecem como seu melhor capital o apetrechamento científico, técnico e artístico das suas populações; e vêem no aumento crescente dos seus quadros técnicos a única resposta às exigências cada vez maiores de aproveitamento integral dos recursos económicos do país. Ambos os aspectos apontam à evidência uma convergência natural de interesses entre Sociedade e Universidade.

E é ali, na Universidade transformada, que se processa organicamente a extensão do ensino, e se consciencialisa o indivíduo para as suas tarefas profissionais futuras, já presentes.

No aspecto científico confirma-se, com o decurso do tempo, a necessidade de dotar a Universidade do dispositivo pedagógico e prático exigido pelo método indutivo, isto é: a prevalência do sector analítico e experimental sobre o sector teorético. A ciência apura os seus próprios métodos com a extensão ilimitada das possibilidades técnicas, e esclarece o seu carácter superiormente prático. Ao mesmo tempo as diversas disciplinas ou vias de conhecimento do mundo perdem, com a prospecção metódica, o rigor dos seus limites. E daí a fusão de alguns dos sectores da Universidade, e a discussão ou transmissão em comum dos resultados obtidos em sectores diferenciados.

A evolução das ciências contém em si própria os elementos de transformação da Universidade.

No aspecto formativo encontramos, já radicada nos sectores mais evoluídos, a necessidade urgente de atingir o plano da formação integral; o que contraria, por superação, toda a formação unilateral e exclusivista. Assim se tende para a eliminação do excesso de compartimentação do saber e da acção humanos.

Daqui deriva a necessidade de estabelecer um convívio pessoal e directo entre os estudantes e professores das várias faculdades. E este convívio realizado em bases de conhecimento recíproco e amistoso, constitui a fase preparatória e indispensável às necessidades postas pela vida profissional post-escolar, a chamada vida prática; e aponta o caminho da colaboração como corolário natural e lógico da especialização. Na verdade a unidade prática dos diversos ramos de trabalho, tão necessária nos dias de hoje, não se alcança independentemente da compreensão individual desse fenómeno.

Esta compreensão adquire toda a naturalidade logo que se trate de um regime de formação politécnica do tipo praticado na Bauhaus, Dessau, por exemplo. Apontamos este exemplo por nos parecer, independentemente do conteúdo polémico dos seus frutos, o primeiro caso concreto de integração, ao nível escolar. Ainda que circunscrita às artes e ofícios, esta sucessora do Werkbund alemão aparece-nos a definir com deslumbrante rigor a imensa potência de futuro que a escola encerra quando colocada em bases realistas.

No aspecto económico sucedeu que a evolução do centro universitário no sentido da concentração integral de todas as faculdades, conduzia à imobilização forçada e nunca suficiente de uma enorme parcela do território urbano; o que é naturalmente incompatível com a pequenez e disseminação das reservas urbanas ou com as capacidades financeiras e administrativas de expropriação. Aqui ainda e por uma curiosa inversão do problema aconteceu que a justa medida de execução seria portanto a redução das C. U. a unidades satélites autónomas.

A operação era a todos os títulos vantajosa. A libertação do solo urbano, por via de regra central e cumulado de inconvenientes de toda a espécie e à sua devolução para fins funcional e economicamente mais apropriados à vida urbana, somava-se a possibilidade de aquisição de novos terrenos periféricos, precedentes de escolha, livres de encargos gerais e de compromissos urbanísticos, e a baixo preço. Desta forma o tema é conduzido economicamente para uma solução que se apresenta livre de todas as contracções na política dos terrenos, ao mesmo tempo que ganha uma maior clarificação e definição do seu conteúdo funcional e social. Dissipam-se os últimos entraves à constituição de uma verdadeira cidade do ensino. Quebram-se os últimos laços que prendem o espaço universitário, digamos assim, à pesada herança das espessas composições tumultuárias e de vincado acento teatral.

Da incidência massiva e simultânea destes factores modernos nasceu toda uma série de realizações que, hoje já constituem o importante arsenal comum de experiências e de ensinamentos, Aharus, Cidade de México, Rio de Janeiro, Caracas, Tucuman, Miami, Hua-Tung, Bauhaus, Harvard, Toulouse, S. Paulo, Recife, Califórnia, Minesota, eis outros tantos exemplos do mesmo rigor de definição da moderna Cidade do ensino, ainda que alguns deles apontem apenas a um sector restrito da vida universitária. Planificadas no teor da sua função complexa e universal, e ritmada a sua execução com as possibilidades particulares de cada lugar, as Cidades Universitárias de hoje apresentam no seu conjunto um exemplo de irreduzível unidade de objectivos, guardada a realista diversidade de meios.

PLANIFICAÇÃO

Em todos os trabalhos observados verifica-se sempre a existência de uma prévia e prolongada fase de recolha, discussão e articulação, de todos os dados do ensino universitário e de todo o seu dispositivo pedagógico. Anónimo e bem modesto trabalho, esse da planificação. Contudo o primeiro no tempo e em grandeza pois não existe espírito criador que o dispense.

Efectivamente essa fase constitui o fundamento real de todas as futuras operações, e é ao mesmo tempo a base de harmonia e economia da constelação universitária.

Vejamos então o que se passou nessa magnífica realização que é a cidade universitária da Cidade de México.

- 1.º — Elaboração do programa prévio e necessidades gerais;
- 2.º — Concurso de ante-projectos, por convite à Escola de Arquitectura, Sociedade de Arquitectos Mexicanos e Colégio Nacional de Arquitectos Mexicanos;
- 3.º — Escolha do trabalho apresentado pela Escola Nacional de Arquitectura;
- 4.º — Encomenda aos arquitectos Henrique del Moral, Mauricio Campos e Mário Pani do projecto definitivo, no qual colaborariam 72 arquitectos e 13 engenheiros;
- 5.º — Criação do organismo administrativo encarregado da realização da obra, tendo à frente o arquitecto Carlos Lazo, mais tarde Secretário das Obras Públicas, para controlar os aspectos administrativos, económicos legais e executivos da obra;
- 6.º — Os arquitectos directores do projecto de conjunto estabelecem o seguinte plano de trabalhos:
 - a) Estudo do programa geral;
 - b) Determinação dos diversos edificios da C. U., fixando a sua localização, agrupamento e relação convenientes;
 - c) Planificação e zonificação dos terrenos da C. U. e sua relação com a Cidade de México;
 - d) Sistema viário;
 - e) Rede de águas, saneamento e electricidade;
 - f) Projectos secundários;
 - g) Organização e direcção de seminários entre os arquitectos para atingir uma correcta unidade e harmonia do conjunto;
- 7.º — Cada equippe estabelece ligação com o director e assistentes técnicos da escola que projecta, e tem a seu cargo a direcção técnica da construção do edificio.

Nessa outra realização que é a cidade universitária do Rio de Janeiro tomam parte no planeamento cerca de uma vintena de arquitectos brasileiros chefiados pelo arquitecto Jorge Machado Moreira. Este trabalho tomou como princípio de base para a sua planificação geral e constituição dos vários departamentos, o de que se torna necessário dotar a C. U. de um extremo poder de adaptação à evolução do ensino e concretização dos dados fundamentais da sua urgente reorganização.

Com efeito, tornando-se necessária no Brasil uma total reestruturação da Universidade na base da «concentração e interpenetração dos ensinamentos análogos ou afins, de modo a reduzir as áreas a edificar, diminuir o custo das instalações e equipamentos, bem assim como baixar as despesas com o seu

custo anual», mas não se podendo esperar pelo teor final desta medida que implicaria os necessários debates de opinião e em suma aquelas demoras derivadas da complexidade da matéria, foi adoptado o critério, fruto da necessidade imediata, de projectar e construir a C. U. de acordo com a estrutura actual do ensino brasileiro, tendo porém em grande conta a futuridade grandiosa desses mesmos edificios. Este critério de dinamismo realista imprimiu às edificações um carácter de plasticidade funcional legitimo e necessário não só em face do panorama universitário brasileiro, mas também perante todas as contingências de reajustamento que no tempo se impõem necessariamente à Universidade para efeito de continuidade da sua missão.

Este dinamismo, opondo-se a todo o estaticismo definitivista, constitui prova sufficiente da consciência e sentido de civilização de que não raro carecem os arquitectos e as entidades officiais em nossos dias.

Adentro do mesmo espirito de unidade se planificou a cidade universitária de Tucuman, no Noroeste argentino. A sua situação periférica impôs o estudo dum projecto complexo não apenas dos edificios universitários mas ainda de todos os serviços necessários a essa comunidade autónoma. A todos os problemas colocados pela sua descentralização somaram-se, ainda, aqueles outros de ordem prática que dizem respeito à realização escalonada no tempo e que seria função das frequências.

Primitivamente prevista para 20.000 habitantes, ampliável para 30.000, tinha pois que guardar todas as condições favoráveis a essa ampliação. Eis aqui mais um factor de complexidade a acrescentar aos já de si espessos e delicados problemas de critério pedagógico e cívico que substrataram toda a planificação deste orgulhoso centro de S. Xavier.

Em todo este delicado problema se empenhou um grupo de onze arquitectos com Horácio Caminos em funções de arquitecto chefe.

Menos expressivo para um observador descuidado é o caso da cidade universitária de Aarhus, na Dinamarca, ainda que da sua organização planificada dê conta a aparente distribuição naturalística dos edificios em torno do «Campus». Ora nós sabemos quanto de programático há na intenção naturalística para que possamos supor a existência de um plano prévio, de uma planificação. Aliás disso nos dão noticia os seus próprios autores, arquitectos K. Fisher, Moller e Stegman: «o projecto de conjunto, tal como foi concebido responde de maneira satisfatória ao programa proposto:

- 1.º — Permite a esta universidade receber 3.000 estudantes e alojar um grande número;
- 2.º — Criar um conjunto que se adapte ao sitio e aos desniveis do solo (disposição livre dos edificios, construções de plataformas);
- 3.º — Realizar uma arquitectura funcional para os edificios, tendo cada um uma estrutura conforme o seu destino próprio;
- 4.º — Procurar uma expressão plástica, à maneira das tendências monumentais da arquitectura tradicional dinamarquesa. A unidade do projecto manifesta-se na adopção da mesma parte construtiva para todos os edificios, paredes exte-

E assim todos os exemplos que surgem nesta última

década. Outra coisa aliás não seria de esperar, uma vez que está na planificação de um complexo universitário a única réplica, o único possível aberto à consideração de tantos e tão especiosos e diversos factores que agem sobre este problema. México, Rio de Janeiro, Tucuman, etc., são antes de mais exemplos implícitos de boa planificação.

LOCALIZAÇÃO

Se o afastamento dos centros universitários em relação à cidade matriz é em primeiro grau provocado pelas forças económicas que incidem sobre os terrenos urbanos (digamos então que existem forças expulsivas), o certo é que deste facto se retiram vantagens que hoje constituem já robustas prerrogativas.

Qualquer dos exemplos modernos de cidade universitária mostra a evidência a vantagem que se retira deste meio isolamento, quer do ponto de vista de saúde, quer da sensibilização da juventude para os valores seculares da vida humana, quer ainda do ponto de vista do rendimento dos quadros docentes, (aí em maior comunhão com os alunos) e do aproveitamento da sua vocação professoral.

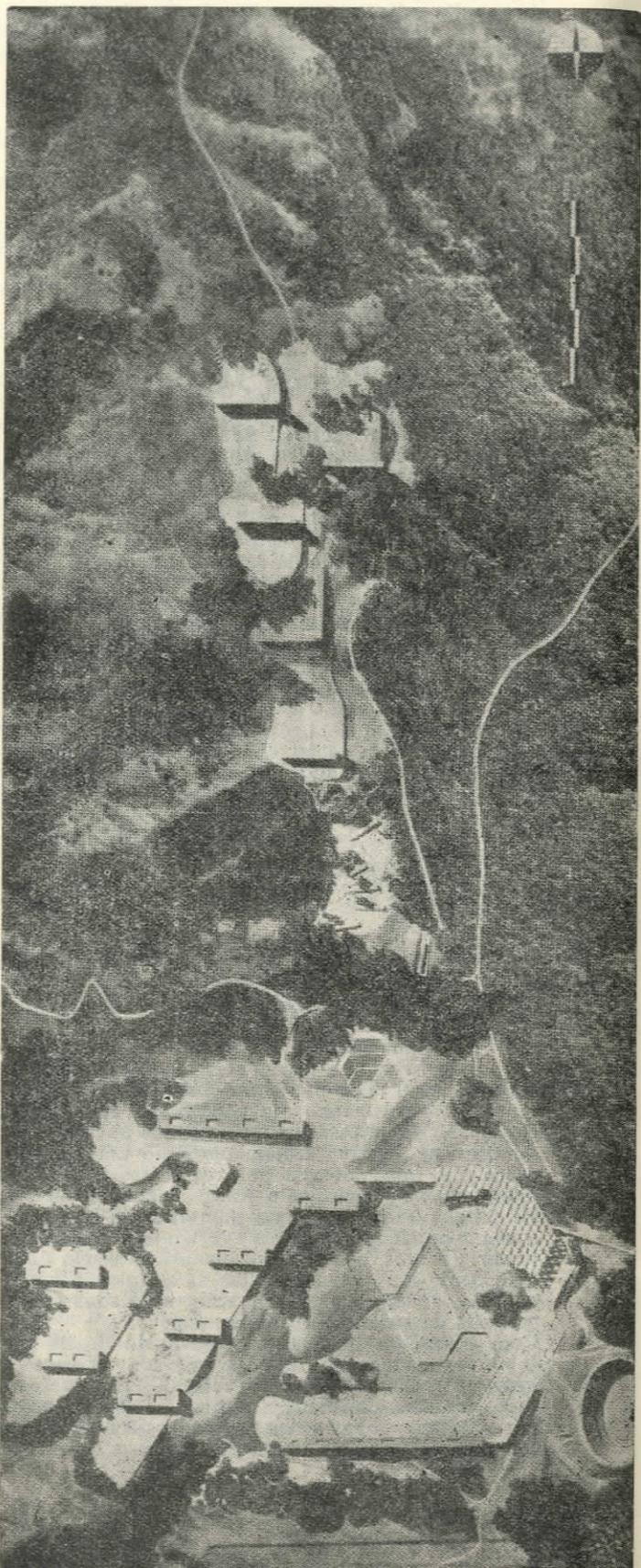
Bem expressiva é ainda neste capítulo a cidade universitária de Tucuman.

A zona regional de influência desta cidade abraça todo o Noroeste Argentino, isto é, uma zona correspondente a 1/4 de toda a República. Interpretando o sentido de expansão da cidade para junto do cerro de S. Xavier, tiveram, autoridades e reitores, a luminosa ideia de situar aquele conjunto no ponto cuminal do monte, ali onde ele oferecia um receptivo planalto repartido entre bosques e clareiras. É portanto evidente que não só se procurava um território amplo e conforme, como, do mesmo passo, se exigia que fosse ele o melhor em clima e beleza natural. Com efeito se a dotação de 18.000 hectares para o conjunto da C. U. é a mais larga e generosa que nós conhecemos, não é menos certo que o sítio escolhido se nos antolha como extremamente favorável ao desenvolvimento físico e intelectual da juventude. Uma vez localizada importava ligar a cidade universitária à cidade matriz: manter-lhe o vínculo original. Este problema foi resolvido por meio de uma estrada de 26 km., desenvolvida de modo que da grande diferença de altitudes entre Tucuman e a sua C. U. não derive algum factor de incomodidade.

No caso da C. U. da Cidade de México foi igualmente clara e nítida a intenção de a enquadrar num meio natural de grande valor paisagístico. A Sul da Cidade de México e com ligação fácil e directa com esta através da ampla avenida dos Insurgentes a C. U. ocupa uma área total de 7.000.000 de metros quadrados, num sítio de beleza especial pois assenta sobre um terreno de lava do vulcão Xitle, há muito extinto nas faldas da serra de Ajusco.

Neste aspecto ainda o exemplo da C. U. do Rio de Janeiro mostra-nos mais um caso de generosidade de terreno assim como de acerto pedagógico e urbanístico. Situada numa ampla ilha isenta de compromissos urbanísticos, cuja integração continental se fortalecerá na medida do crescimento da população e da execução do plano director da cidade do Rio, a C. U. disfruta de grande extensão territorial e larga e soberba abertura panorâmica. Além disso: bom índice de salubridade, e garantias quanto a subsolo. Essa ilha com os seus limites bem definidos goza entretanto de uma penetração

CIDADE UNIVERSITÁRIA DE TUCUMAN
FOTOGRAFIA DA MAQUETE DO CONJUNTO



PLANO DE CONJUNTO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DA CIDADE DO MÉXICO

1. Reitoria / 2. Aula Magna / 3. Biblioteca / 4. Museu de Arte e Instituto Superior de Artes Plásticas / 5. Clube Central / 6. Comércio / 7. Faculdade de Filosofia / 8. Institutos de: História, Investigações Estéticas, Investigações Filológicas, Direito Comparado, Coordenador de Humanidades / 9. Escola de Jurisprudência e Institutos / 9. A. Escola de Ciências Políticas e Sociais / 10. Escola de Economia e Institutos / 11. Escola de Comércio / 12. Faculdade de Ciências / 13. Institutos de: Matemáticas, Física, Química, Geofísica, Geografia, Coordenador de Ciências / 14. Laboratórios de Física Nuclear / 15. Raios Cósmicos / 16. Instituto de Geologia / 17. Escola Química / 18. Escola de Engenharia / 19. Escola de Arquitectura / 20. Escola de Medicina / 21. Escola de Odontologia / 22. Escola de Veterinária / 23. Instituto de Biologia / 24. Estádio de Exibição / 25. Estádio de Treino / 26. Campos de Futebol / 27. Campos de Softbol / 28. Campos de Basquetebol / 29. Campos de Ténis / 30. Campos de Beisebol / 31. Piscinas / 32. Vestiários e Banhos Homens / 33. Vestiários e Banhos Mulheres / 34. Serviços auxiliares / 35. Pelota basca / 36. Habitações de estudantes masculinos / 37. Habitações de estudantes femininos / 38. Habitações de estudantes estrangeiros / 39. Casino de estudantes / 40. Zona para professores / 41. Multifamiliar para professores / 42. Centro Cívico / 43. Serviços gerais / 44. Términus de autocarros / 45. Términus de eléctricos.

externa, prática e visual que lhe é garantida de um lado pela articulação da sua rede viária interna com a rede continental, e de outro pela planura circundante que lhe permite atingir os limites mais remotos da própria cidade do Rio.

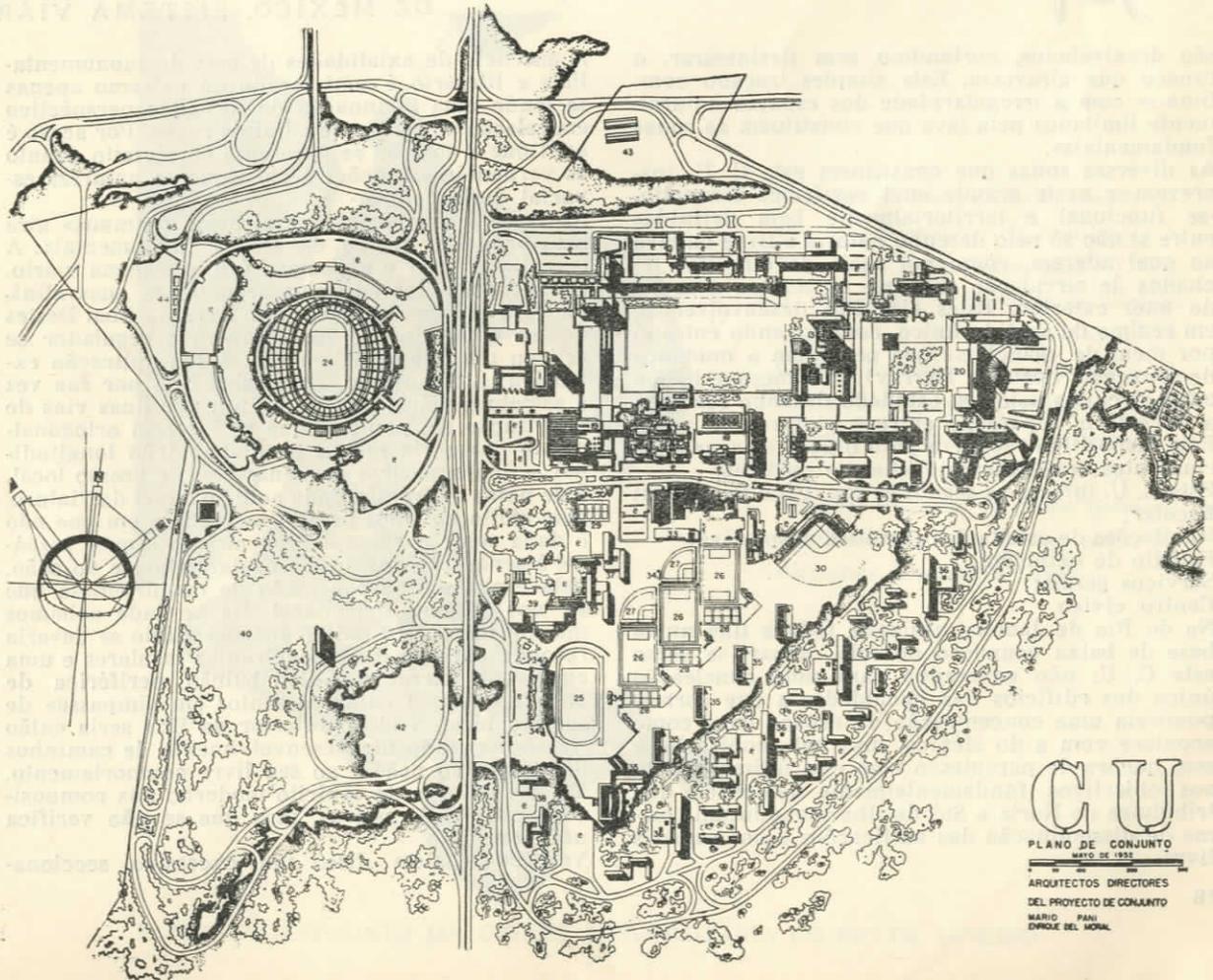
Cabe ainda neste capítulo referência à C. U. de Hecife, no Brasil. Esta, ainda em projecto, estende-se por cerca de 156 hectares e será ligada ao centro urbano por uma avenida que serve, de passagem, outros quarteirões, por uma via perimetral, e ainda outra via de trânsito mais rápido e directo para seu exclusivo uso. Esta C. U. poderá acolher todos os estudantes dos Estados do Norte do Brasil em condições de «oferecer ambientes mais adaptados e respondendo funcionalmente ao seu objectivo, numa atmosfera de calma, em meio verde, e ubicados em zona óptimamente guarnecida de todos os confortos».

PLANOS DE CONJUNTO

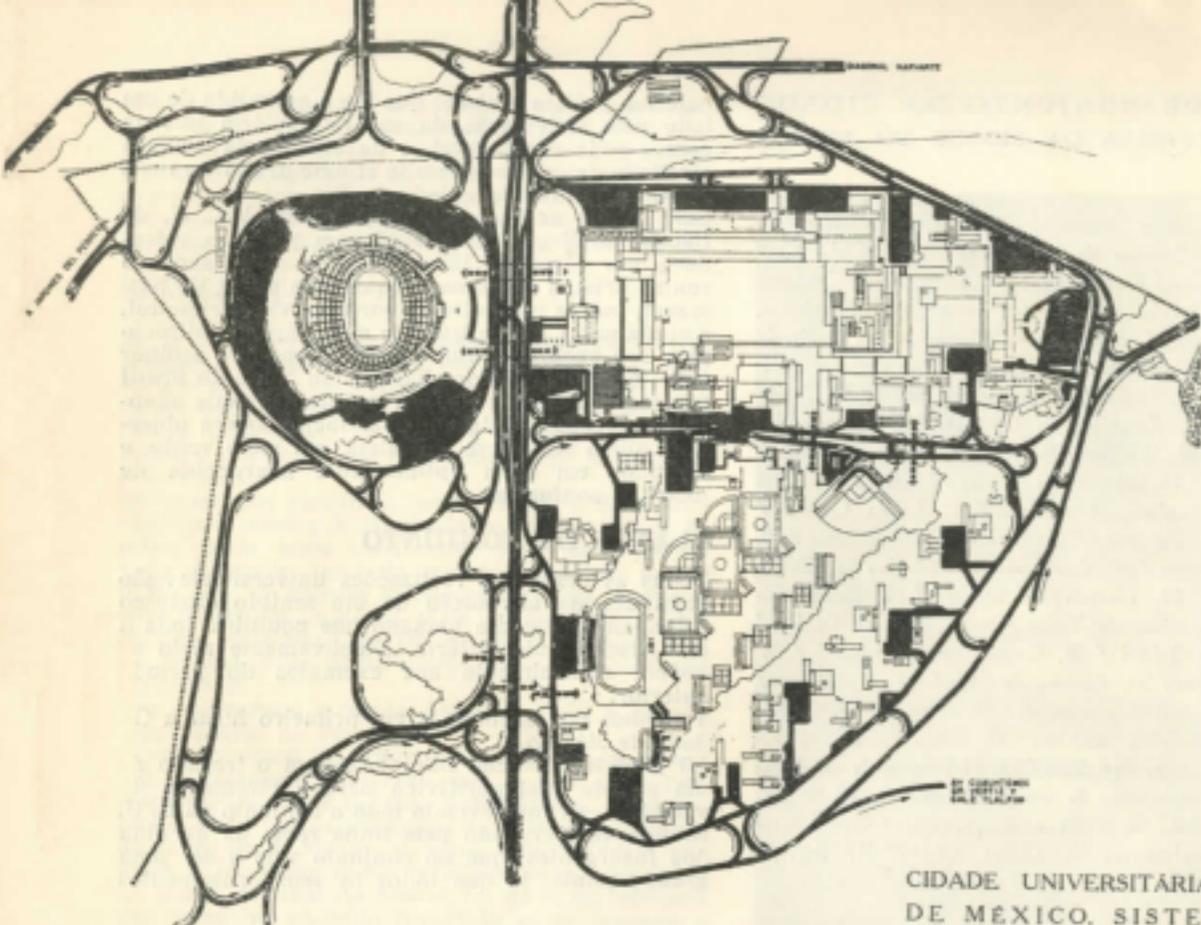
Todas as modernas realizações universitárias são unânimes na afirmação de um sentido orgânico e fundamentalmente humano que equilibra toda a constelação universitária. Efectivamente nisto se opõem radicalmente aos exemplos do período anterior.

Tomemos por exemplo e em primeiro lugar a Cidade de México.

«O partido essencial iniciou-se com o traçado de um grande anel periférico para a circulação de veículos, circunscrevendo todo o conjunto da C. U. Grande anel cruzado pela linha recta da avenida dos Insurgentes, que no conjunto vem a ser uma grande ponte, já que todos os seus cruzamentos



CU
PLANO DE CONJUNTO
MAYO DE 1923
ARQUITECTOS DIRECTORES
DEL PROYECTO DE CONJUNTO
MARIO PAU
DIPLOMADO DEL MEXICO



CIDADE UNIVERSITÁRIA DA CIDADE DE MÉXICO, SISTEMA VIÁRIO

são desnivelados, cortando-o sem desintegrar, o espaço que atravessa. Este simples traçado combina-se com a irregularidade dos espaços naturalmente limitados pela lava que constituem as zonas fundamentais».

As diversas zonas que constituem esta C. U. inscrevem-se neste grande anel periférico tornando-se funcional e territorialmente bem definidas entre si não só pelo desenho natural e livre da lava ao qual aderem, como por meio de circuitos fechados de circulação auto que as servem a partir do anel exterior. Estes circuitos desenvolvem-se em regime de sentido único, comunicando entre si por meio de «ganchos» que permitem a mudança de direcção (sistema Herrey). Ao mesmo tempo estes circuitos pelo seu estudado desenho realizam a necessária separação entre a viatura e o peão. Este dispositivo recupera para o peão as suas mais eminentes qualidades biológicas e poéticas.

Esta C. U. integra as seguintes zonas fundamentais:

Escolar;

Habitacões de estudantes e prática desportiva;

Estádio de exhibição;

Serviços gerais;

Centro cívico.

Na do Rio de Janeiro utiliza-se toda a ilha numa base de baixa ocupação do solo. Repare-se como esta C. U. não enveredou para uma enucleação única dos edificios das Faculdades a que corresponderia uma concentração de espaço livre como acontece com a do México, mas pelo contrário, e sem quebra de parentesco com esta última quanto aos objectivos fundamentalmente modernos, distribuiu-se de Norte a Sul da ilha segundo um regime de disseminação das edificações e dos espaços livres.

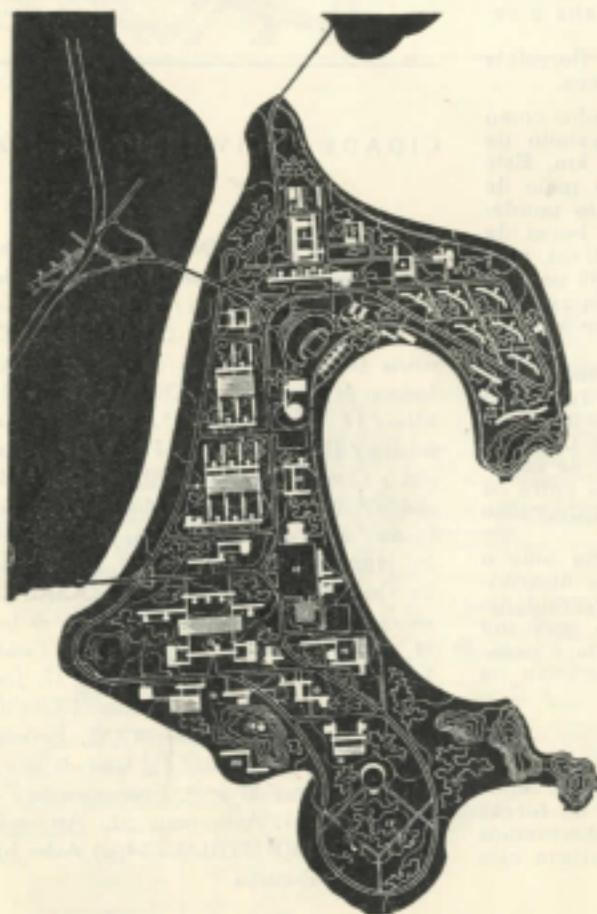
A ausência de axialidades de assento monumental e literário é aqui levado ao extremo apenas se lendo uma insinuação de destaque perspectico em relação ao centro de administração. Por acaso é aqui que a solução se apresenta em defeito quanto às verdadeiras funções e consequente natureza espacial deste centro.

No resto a composição geral deste «campus» gira em torno de quatro elementos fundamentais: A orientação solar e exposição útil, o sistema viário, a ordenação dos edificios segundo as suas afinidades, e a forma caprichosa e livre da ilha. Destes quatro elementos de forte conteúdo regulador se retirou um que se salienta pela sua aplicação extensiva: a orientação. Este subordina por sua vez a estrutura viária que se definiu por duas vias de penetração em ponte, e que se inserem ortogonalmente numa via matriz de distribuição longitudinal, e donde partem pequenas vias de acesso local. E de notar a inversão dada aqui ao papel da viatura, com efeito notámos defeito na medida em que não é dada solução exemplar ou mesmo sequer razoável à separação dos domínios da viatura e do peão. Esta é ainda uma concessão de compromisso que se nos afigura inaceitável. Na verdade achamos que em boa lógica todo o sistema viário se deveria resolver entre as duas penetrantes insulares e uma envolvente geral de distribuição periférica de onde nasceriam os arruamentos em «impasse» de serviço local. Todo o interior da ilha seria então tratado segundo um desenvolvimento de caminhos dedicados ao peão e ao seu livre comportamento. Tal é a outorga do espírito moderno nas composições mais progressivas, mas que se não verifica neste exemplo.

Verifica-se além disso um excessivo sectiona-



VISTA AÉREA DA ILHA ARTIFICIAL DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DO RIO DE JANEIRO



1. Instituto de Puericultura / 2. Hospital clínico / 3. Psiquiatria / 4. Neurologia / 5. Restaurante / 6. Centro Residencial / 7. Centro Desportivo / 8. Faculdade de Medicina e Odontologia / 9. Institutos Médicos / 10. Ciências Económicas / 11. Filosofia / 12. Centro Cívico (reitoria, biblioteca, museu, antiteatro) / 13. Escola de Engenheiros / 14. Belas-Artes / 15. Arquitectura / 16. Arte Dramática e Música / 17. Jardim Botânico / 18. Observatório / 19. Serviços gerais / 20. Alojamento do pessoal de serviço.

PLANO DE CONJUNTO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DO RIO DE JANEIRO

mento do solo, contrário ao sentido de integração que está na base do «campus» universitário. Em Tucuman o sistema adotado prevê o reagrupamento dos edifícios em um «campus» que compreende: aulas, laboratórios, bibliotecas, habitações de estudantes e professores, zonas desportivas, teatros, etc..

«As autoridades universitárias consideram que o ambiente que se cria desta arte, será ideal para o estudo, a pesquisa, a meditação e o aperfeiçoamento dos princípios de colaboração». A sua organização compreende então:

- a — Instalações propriamente universitárias;
- b — Habitações;
- c — Serviços para uma comunidade de 20.000 habitantes; cuja zonificação se processa da seguinte maneira:
- 1 — Núcleo principal à cota 1.200 que ocupa uma superfície de 100 hectares e compreende institutos universitários, Centro Cívico, casa do Estudante, Centro Desportivo, estação do funicular;
- 2 — Núcleo secundário à cota 700, ocupando uma superfície de 250 hectares, e compreendendo, cidade hospitalar, institutos agrários, hortas e campos experimentais, habitações, zona desportiva, estação inferior do funicular;
- 3 — Zonas propriamente residenciais:
 - a) 30 hectares à cota 1400, casas lineares para 5.000 habitantes com serviços principais;
 - b) 20 hectares à cota 1115, casas lineares para 1.500 pessoas com serviços principais;
 - c) Zonas menores com casas em linha e casas isoladas;
- 4 — Zonas de reserva, com áreas florestais agrícolas e para parques biológicos.

A ligação dos dois primeiros núcleos situados como se viu a cotas diferentes, implicou o estudo de um funicular com a extensão de 2,5 km. Este funicular será ademais um importante meio de transporte de mercadorias e um elemento ponderável na movimentação de pessoas nas horas de ponta dos dias festivos, reuniões desportivas, etc., posto que previsto para um débito de 2.600 pessoas por hora. A sua fácil articulação com a via estradal permite que exactamente nestes casos se alcance o pleno rendimento do funicular.

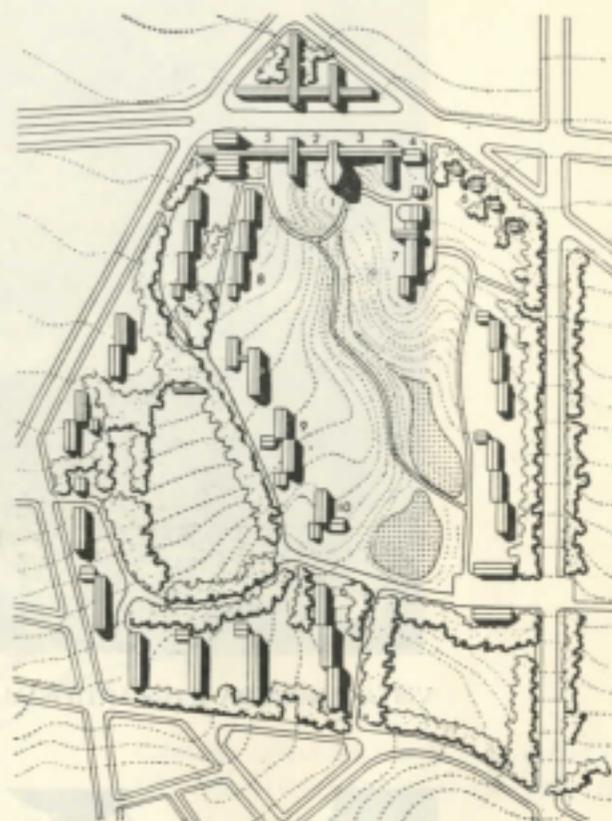
Em Recife todo o conjunto da C. U., ocupando os 156 hectares, inscreve-se num perímetro trapezoidal definido por quatro artérias, com penetrantes que se terminam em três parcelas. O carácter extensivo deste conjunto num meio de abundante verdura e de pórticos de ligação entre os vários edifícios dá-nos a medida da sua integração regional.

Partindo dum núcleo central que agencia todo o sector representativo da universidade se disseminam todos os outros edifícios da universidade. Este exemplo, como o de Rio de Janeiro, opõe um critério de difusão inorgânica e abstracta à organização realista que se verifica em Tucuman ou Cidade de México.

ACTIVIDADES ACADÉMICAS

Orientadas no sentido de reunir num só local todos os sectores da Universidade, por acção de forças pedagógicas, culturais e económicas, observemos em que medida e sob que forma se realizou este desideratum fundamental.

CIDADE UNIVERSITÁRIA DE AARHUS



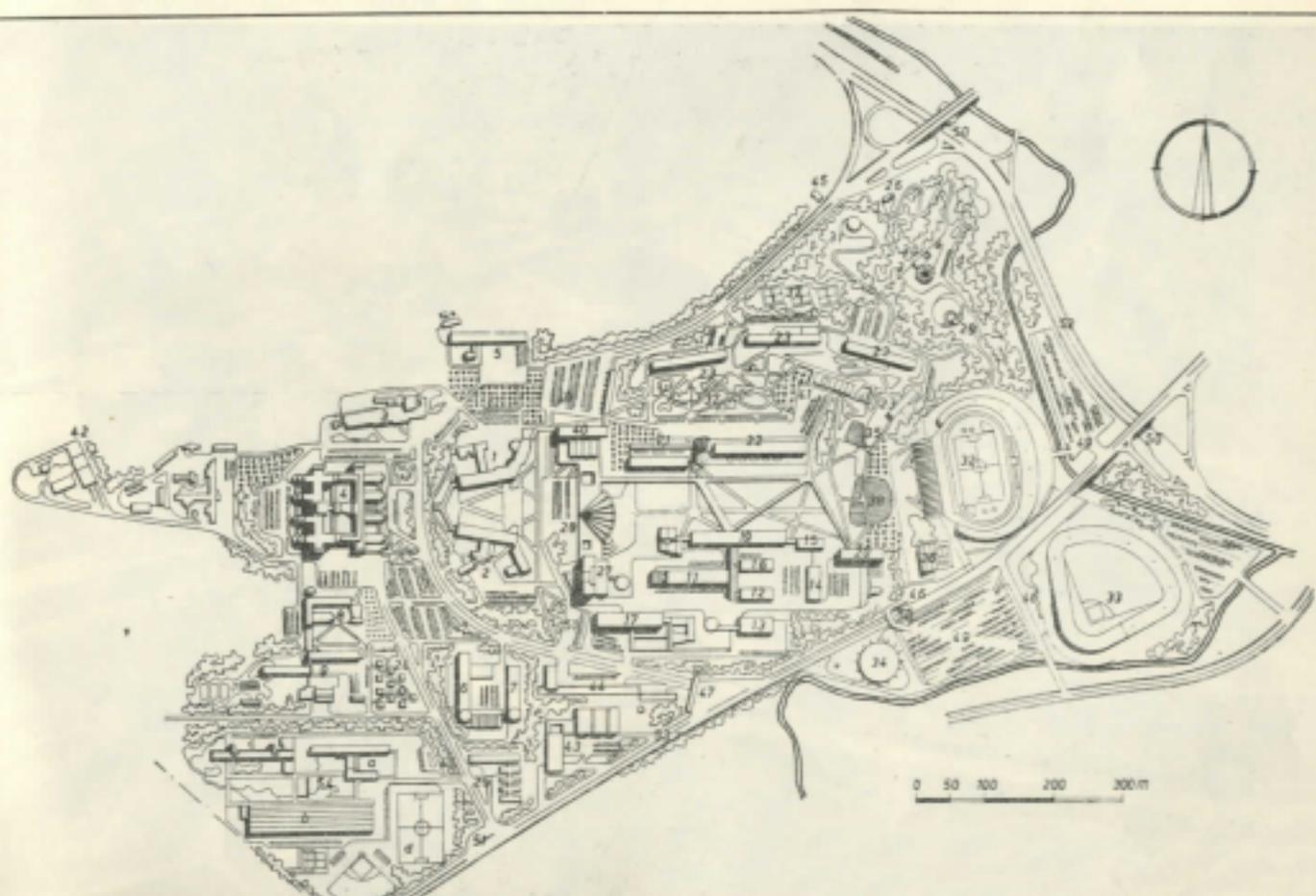
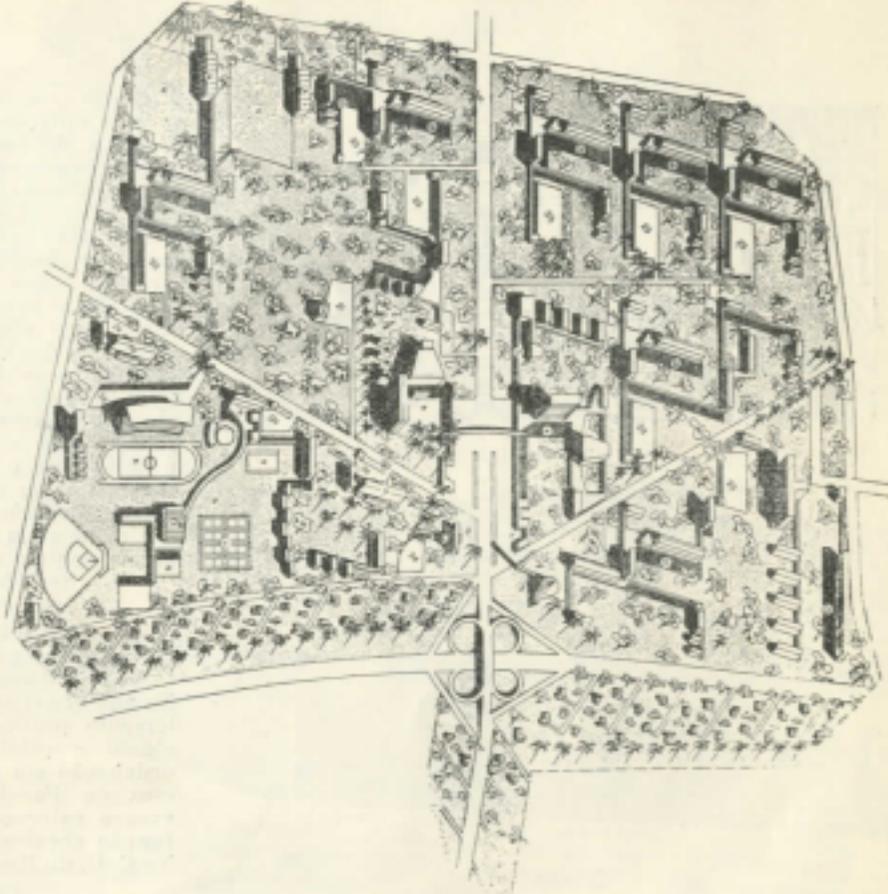
CIDADE UNIVERSITÁRIA DE CARACAS

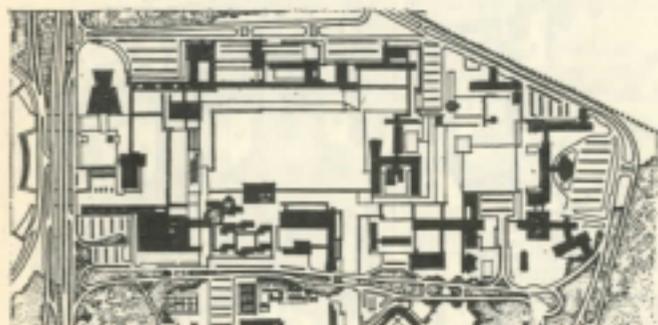
GRUPO DE MEDICINA: 1, Instituto de anatomia / 2, Instituto de medicina experimental / 3, Instituto de anatomia patológica / 4, Hospital-Clinica / 5, Instituto de medicina tropical / 6, Instituto do cancro / 7, Odontologia / 8, Escola de Enfermeiras (classes) / 9, Escola de Enfermeiras (habitações) / 10, Instituto de Higiene / LABORATÓRIOS: 11, Química e petróleo / 12, Electricidade / 13, Ensaios de materiais / 14, Hidráulica / 15, Biologia / 16, Física / 17, Farmácia / 18, Botânica e Ciências Naturais / GRUPO DE AULAS: 19, Engenheiros / 20, Arquitectura e Urbanismo / 21, Fisiologia e Letras, Direito / 22, Ciências Económicas e Sociais / HABITAÇÕES: 23, Habitações de estudantes / 24, Professores / 25, Serviços / 26, Casa do Reitor / CENTRO SOCIAL: 27, Biblioteca e museu / 28, Auditório / 29, Teatro ao ar livre / 30, Clube / 31, Capela / 32, Estádio Olímpico / 33, Estádio de Baisebol / 34, Ginásio / 35, Piscina / 36, Ténis / 37, Jardins e parques / 38, Espelho de água / 39, Campismo / SERVIÇOS: 40, Administração / 41, Café e armazém / 42, Lavandaria / 43, Garagens / 44, Serviços gerais / 45, Casa do guarda / 46, Entrada para os estádios / 48 e 49, Estacionamentos / 50, Passagem de dois níveis / 51, Autocarros / 52, Autoestradas / ESCOLA TÉCNICA INDUSTRIAL: 54, a) Aulas, b) Ateliers, c) habitações, d) desportos.

← 1. Sala de festas / 2. Direito / 3. Economia política / 4. Teologia / 5. Letras / 6. Residência do corpo docente / 7. Física, Química, Anatomia / 8. Residência de estudantes / 9. Bioquímica, Fisiologia / 10. Museu de história natural.

CIDADE UNIVERSITÁRIA DO RECIFE →

1. Praça Central / 2. Centro administrativo: a) Administração, b) reitoria, c) garage / 3. Centro de cultura musical e teatral / 4. Museu e Biblioteca / 5. Igreja / 6. Tipografia Universitária / 7. Casa do Estudante / 8. Direcção Central / 9. Centro Desportivo: a) piscina, b) clube, c) ténis, d) conferências, e) estádio, f) vestiários, g) voleibol, h) basquetebol, 2) basebol / 10. Casa dos estudantes / 11. Escola de Medicina / 12. Clínica Universitária / 13. Serviços / 14. Escola de Química, a) laboratório / 15. Escola de Direito / 16. Escola de Filosofia / 17. Escola de Ciências Económicas / 18. Escola de Belas-Artes / 19. Escola de Arquitectura: a) estúdios, b) campo de exercícios / 21. Velha casa colonial / 22. Direcção / 23. Estacionamentos para a escola / 24. Estacionamentos para serviço / 25. Zona residencial.





CIDADE UNIVERSITÁRIA DA CIDADE DE MÉXICO
PLANO DA ZONA ESCOLAR

Em primeiro lugar verificamos que nos casos de grande dotação de terreno, isto é, dotações superiores a 500 hectares, todo o sector propriamente académico se concentra num único ponto, cria uma zona diferenciada. É o caso de Tucuman e de Cidade de México.

Nos casos de dotação menor — Rio de Janeiro, Aarhus, Recife, Hua-Tung, exactamente onde os problemas das distâncias ao nível do peão não se colocam, o princípio sofre ao que parece de involução, pois afigura-se-nos que se afasta do ponto essencial da questão, qual é o de aproveitar a circunstância de todas as faculdades se reunirem num só terreno para realizar o «forum» universitário ou o «campus» (de origem anglo-saxónica). Está bem de ver que esta ordem de considerações é licita para o sector das actividades académicas. É o menos ou mesmo nada para o outro sector, de actividades não-académicas.

Assim pois em Cidade de México aquele sector ou grupo contem os seguintes sub-grupos principais:

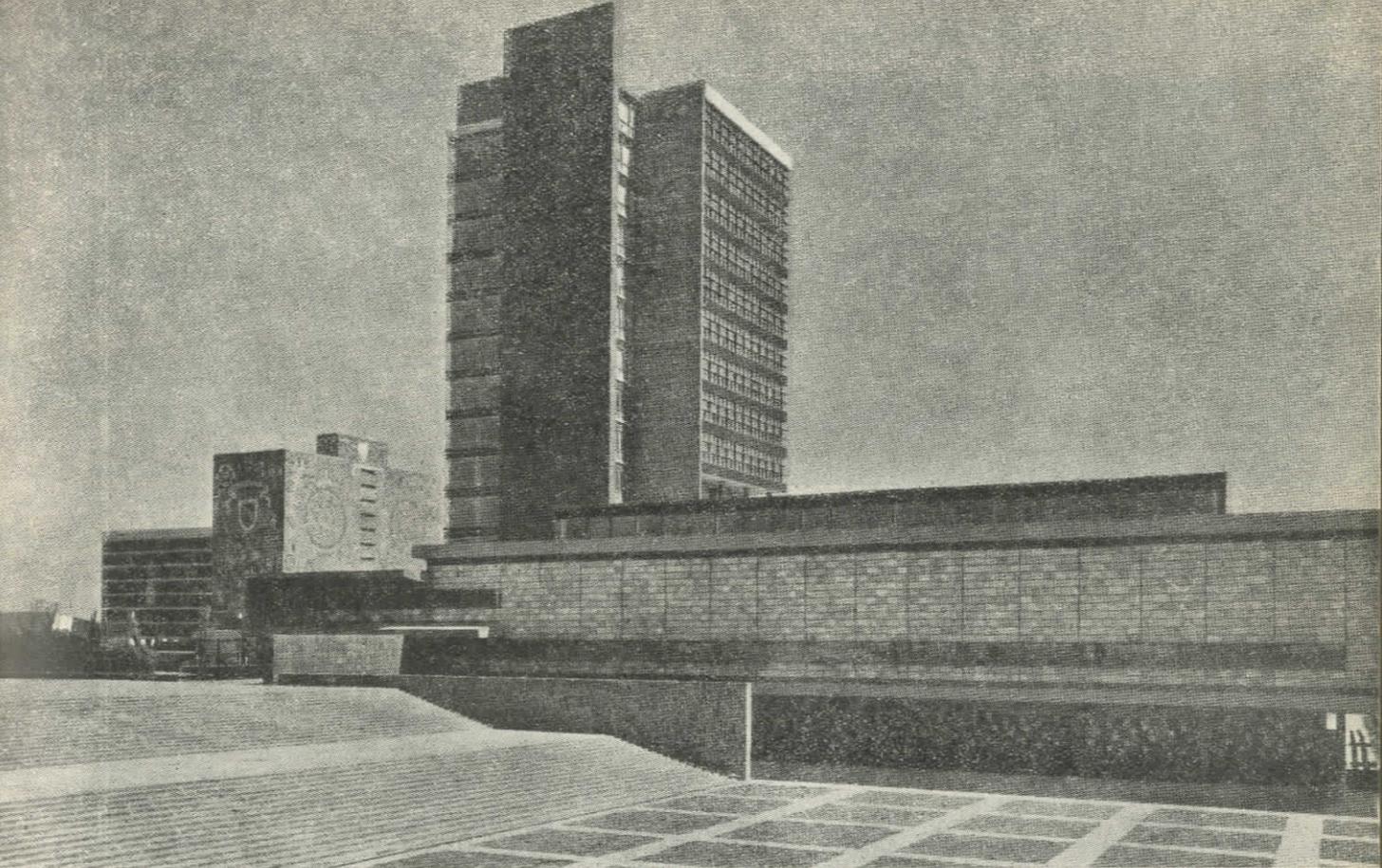
- a* — Serviços comuns;
- b* — Humanidades;
- c* — Ciências;
- d* — Artes e club central;
- e* — Ciências biológicas.

Na sua organização presidiram princípios eminentemente práticos de integração pedagógica, funcional e plástica. Traduz-se formalmente numa ordenação em circuito fechado de todos os edificios de Faculdades; gerando e modelando um espaço externo de grandeza conforme com a sua função coesiva.

Na C. U. do Rio o programa neste sector não abran-

CIDADE UNIVERSITÁRIA DA CIDADE DE MÉXICO. VISTA AÉREA DO CONJUNTO ESTÁDIO - ZONA ESCOLAR





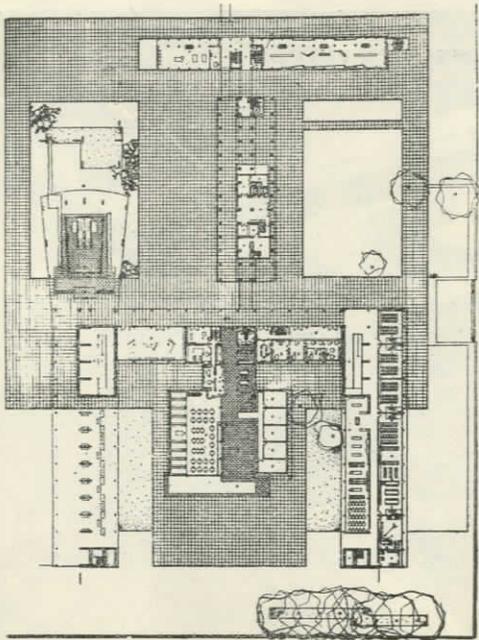
1

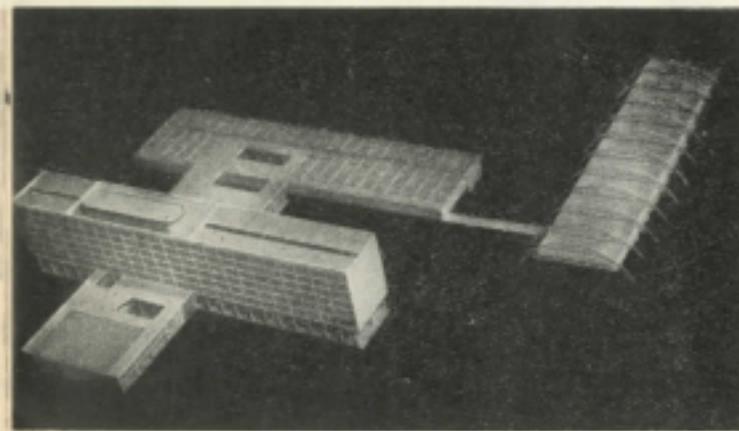
CIDADE UNIVERSITÁRIA DA CIDADE DE MÉXICO

2

- 1 — Reitoria
- 2 — Faculdade de Ciências
- 3 — Planta da Faculdade de Ciências

3





C. U. RIO DE JANEIRO - FACULDADE DE ARQUITECTURA

ge todos os grupos universitários. Ignoramos a razão.

Grande relevo é ali dado ao grupo das Ciências Médicas que ocupa bem à vontade 1/5 do volume total de construção. Acusamos defeito, como se deriva, no que diz respeito à menos consideração do valor pedagógico e cívico dum espaço único e imediato às Faculdades, destinado exclusivamente aos peões.

Em todos os grupos transparece como aliás na Cidade de México, nítida a orientação no sentido da pesquisa, da verificação prática, da prospecção científica. Disso nos dá conta, em termos já arquitecturais, a configuração de grupo ou grupos repartidos entre o bloco alto de aulas de prelecção de ensino tradicionalmente oral e os corpos baixos e extensivos de operações práticas, oficinais, laboratoriais de prospecção ou verificação. E no centro deste sector académico como que a referir todas as suas actividades a um processo de base comum: a Biblioteca, o Museu, o Anfiteatro, a Reitoria.

Salientamos ainda neste exemplo a inclusão de temas tão práticos e úteis como o Instituto de Puericultura e a Escola de Música e Teatro.

Em Tucuman o sector das actividades académicas, está na quase totalidade, se exceptuarmos o hospital escolar e os institutos agrários, reunido numa única zona do «campus» universitário. E a excepção abre-se para estes últimos, sabemo-lo, porque requerem por sua natureza grandes extensões de terreno dedicado à experimentação e pesquisa agrícola; o que constitui um elemento de acção centrífuga, como é lógico.

Organizado em forma livre, este sector acusa uma nítida tendência no sentido da condensação dos Institutos e Faculdades em 3 grandes e espessos blocos; o que no mínimo implicará a fusão e a interpenetração dos vários ramos do ensino universitário. Esta condensação repõe por forma prática o verdadeiro sentido universal e unitário do ensino superior.

Por outro lado a constituição de cada bloco e a sua extrema flexibilidade de compartimentação permitem a adaptação do seu espaço interior às necessidades futuras postas pela própria evolução do ensino e dos seus elementos didácticos. Assim se resolve cada bloco entre uma parte permanente de serviços e instalações gerais, e outra parte, tida como variável no tempo, de aulas e serviços especiais.

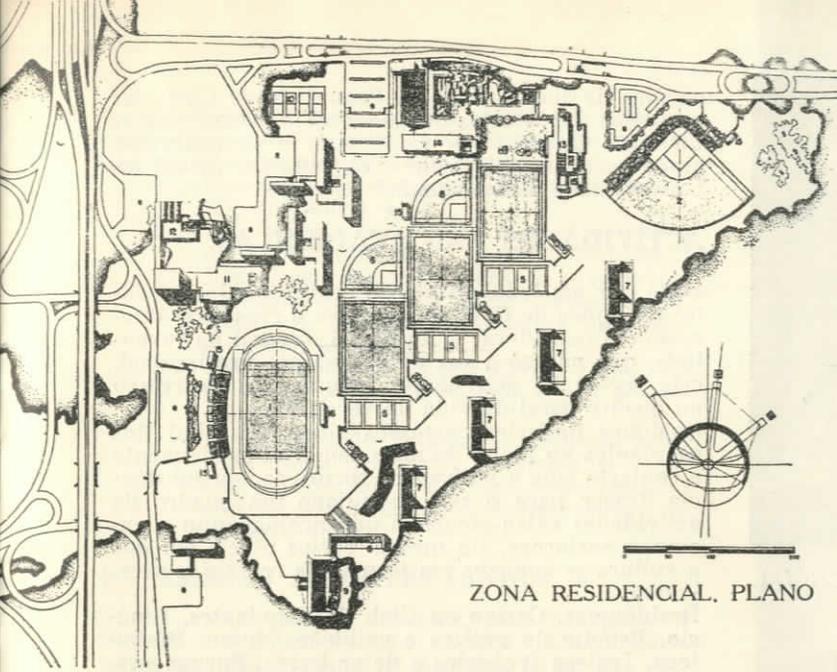
Por aqui se pode avaliar o grau de realismo em que se colocou o estudo deste sector em Tucuman, comparável aliás ao de Cidade de México e Rio. A centralização verificada nestes exemplos dará às escolas um carácter mais especializado, com melhor qualidade de ensino, e será, além disso, um factor importante de intercâmbio cultural e social entre os diversos alunos de diversas Faculdades.

Procura-se ainda com isto «a criação duma unidade física, moral e pedagógica que permita a fácil comunicação das diversas escolas entre si e portanto, a convivência dos estudantes, professores e investigadores».

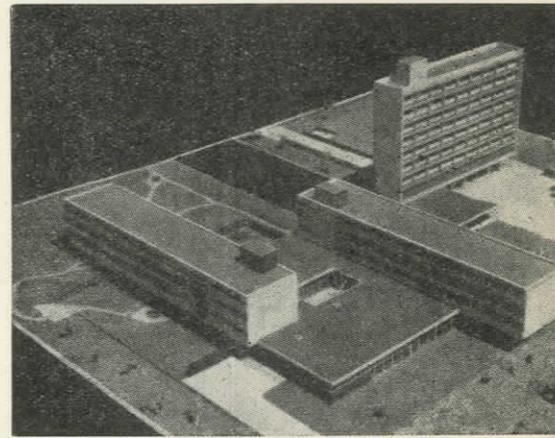
Imaginemos por exemplo o que será reunir na

CIDADE UNIVERSITÁRIA DO RIO DE JANEIRO—INSTITUTO DE PUERICULTURA



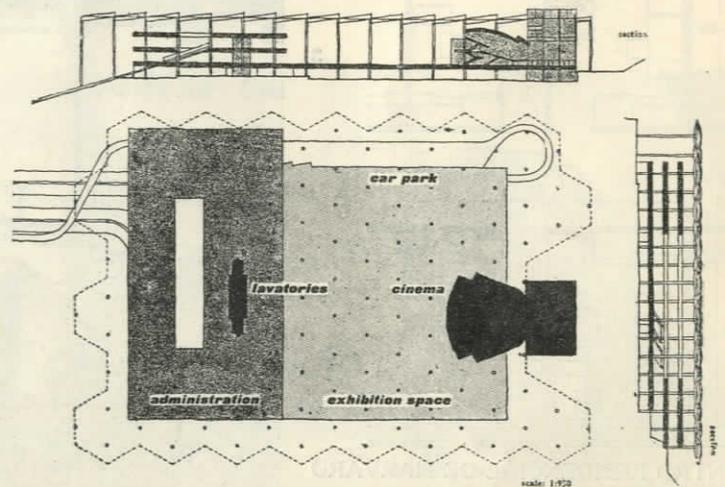
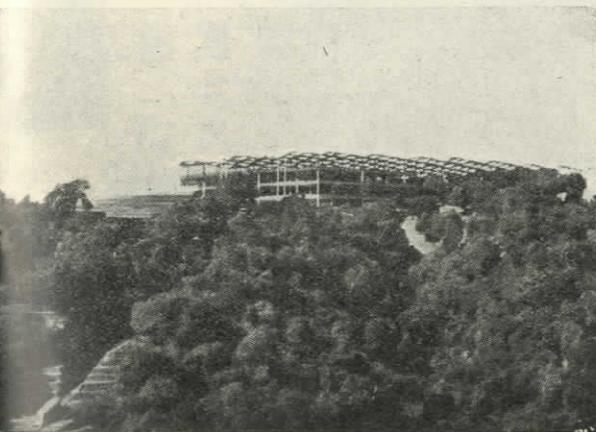
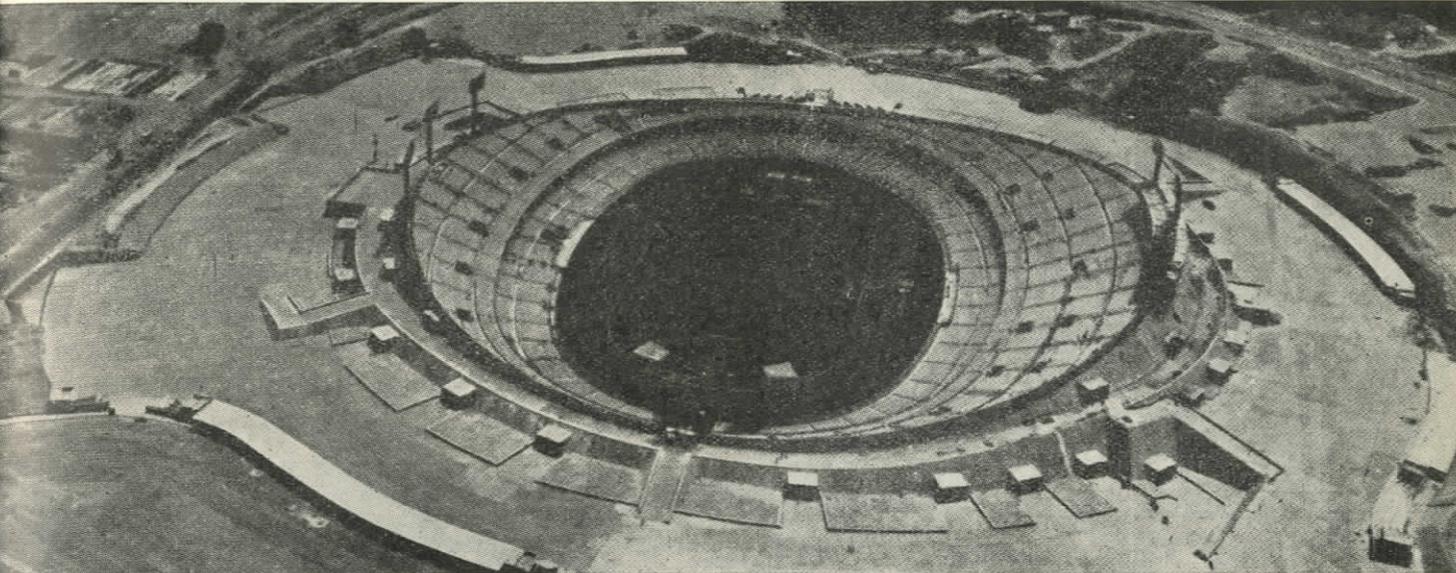


ZONA RESIDENCIAL. PLANO



BLOCO RESIDENCIAL DE ESTUDANTES

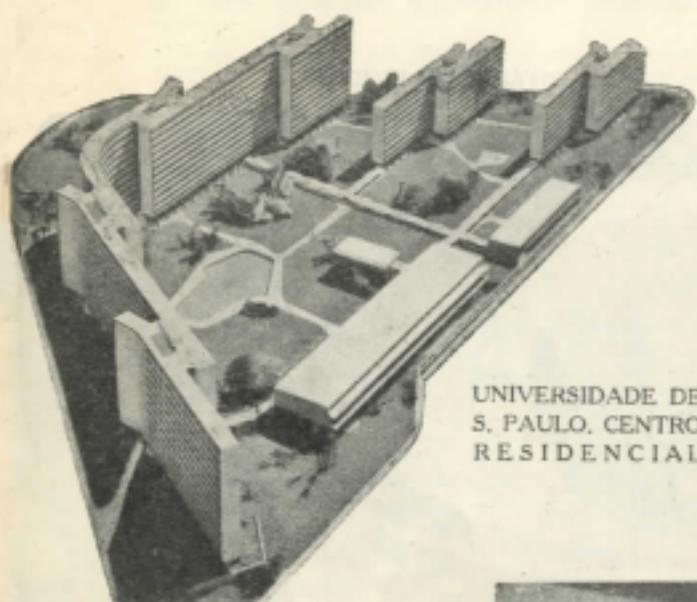
ESTÁDIO DE EXIBIÇÃO



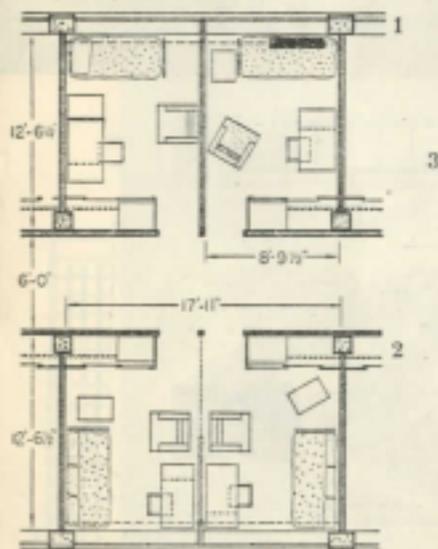
CIDADE UNIV. DE TUCUMAN. CENTRO CIVICO



UNIVERSIDADE DE TOULOUSE, CENTRO RESIDENCIAL



UNIVERSIDADE DE S. PAULO, CENTRO RESIDENCIAL



CENTRO RESIDENCIAL DE HARVARD

- 3. Interior do quarto de duas camas
- 2. Quarto de duas camas
- 1. Quarto de uma cama

cátedra de Matemáticas da Faculdade de Ciências, os alunos das Escolas de Engenharia, Arquitectura, Ciências Químicas e Economia, e comparemos ainda esta imagem com o espectáculo actual da Universidade desarticulada!

ACTIVIDADES NÃO ACADÉMICAS

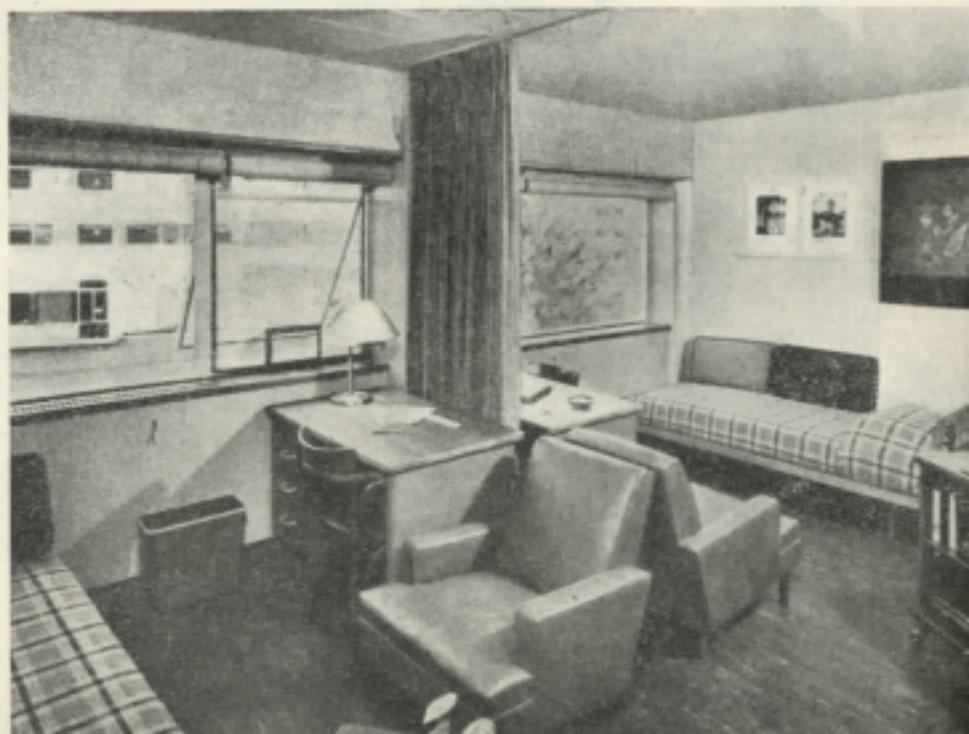
Dada por um lado a situação periférica dos recentes exemplos de C. U. e por outro o crescente interesse em considerar a formação integral da juventude, que não só a sua aprendizagem profissional, este sector de actividades assume grande relevo no quadro geral da vida universitária.

Qualquer daqueles exemplos situa o habitat dos estudantes no plano do mais saudável aprazimento e contacto com a natureza. Procura-se, em substância, trazer para o seu quotidiano um quadro de actividades extra-escolares que prolongando o ensino, o esclarece. Há mesmo certos níveis em que a cultura se concebe em termos de recreio, e vice-versa.

Residências, Casino ou Club de Estudantes, Ginásio, Estádio de prática e exibição, Museu, Biblioteca, Teatros (cobertos e de ar livre), Parque desportivo, Parque de recreio, tantos são os atributos práticos desse habitat.

Uma vez determinada a população forasteira de estudantes e professores, fica, em certo grau de aproximação, fixado o número total imediato de residências necessárias para os receber, uma vez acrescido do pessoal necessário para a manutenção dos serviços comuns. Este número obtido sem dificuldade, determina o grau de desenvolvimento dos serviços.

Dentro deste sector destacam-se dum modo geral e por forma clara 3 temas: Residências, Centro Cívico e Estádio desportivo. Três temas centrais, três polos de atracção e, em consequência, astros maiores da constelação extraescolar. Como astros menores, os outros temas vivem a equilibrar o sistema.



De maneiras diferentes, como diferentes serão as colocações culturais e os meios, foram interpretados estes temas; mas de todos resultam:

- a — Concentração das habitações dos estudantes em blocos, e
- b — Seu vínculo com os parques desportivos de uso quotidiano e parques florestais;
- c — Repartição das habitações de professores e pessoal de serviço, entre blocos de concentração e moradias isoladas, guardado o mesmo vínculo;
- d — Centralidade do Centro Cívico como elemento de acção polivalente e uso permanente;
- e — Localização do Estádio de exibição acessível duma penetrante principal, e
- f — sem relação imediata com zona residencial, de acordo com o carácter eventual da sua utilização.

EXPRESSÃO ARQUITECTÓNICA

Todas estas recentes realizações proclamam o triunfo dos princípios da moderna arquitectura, ainda que diferentemente expressa. E em boa verdade esta diferença expressiva é, ela própria, a afirmação desse triunfo.

Com efeito cada exemplo segue, segundo a sua colocação cultural, um curso bem determinado adentro das prerrogativas da arquitectura moderna, já antiga. E, acima de todas, aquela que requiere para o edifício ou conjunto de edifícios um forte conteúdo funcional, económico, civil, de harmonia prática (que não especulativa ainda que esta pareça existir em Tucuman).

Afastadas de vez todas as especulações de sentido escolástico e psicológico (acreditamos que em Roma, Piacentini procurou subornar os espíritos com grandezas de contrabando), fica o caminho liberto e aberto às amplas tarefas de realizar organismos úteis. E do conceito de utilidade participam noções de beleza...

INTEGRAÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

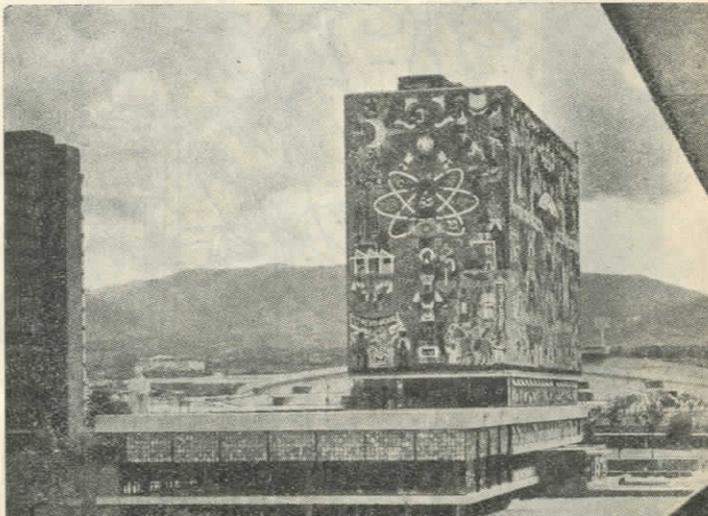
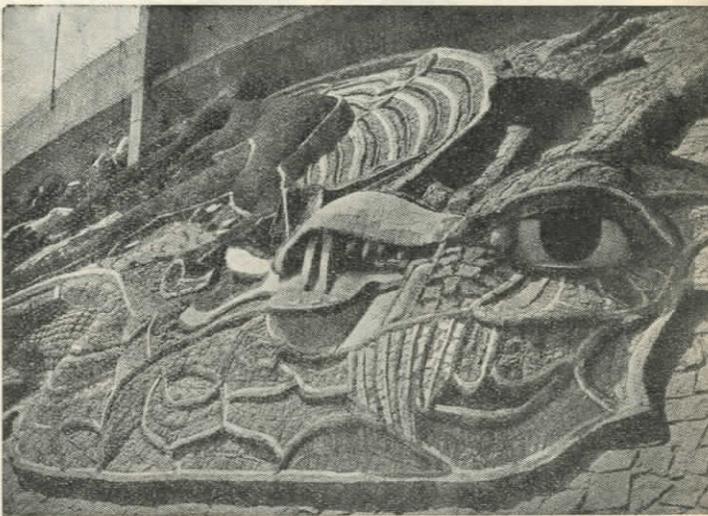
Como destes exemplos, poucos estão completamente realizados não podemos atestar o seu grau de integração das artes plásticas. Todavia dentre eles destacamos dois — Cidade de México e Caracas — que colocaram ao mais alto expoente a colaboração das 3 artes (do espaço, da forma, da cor).

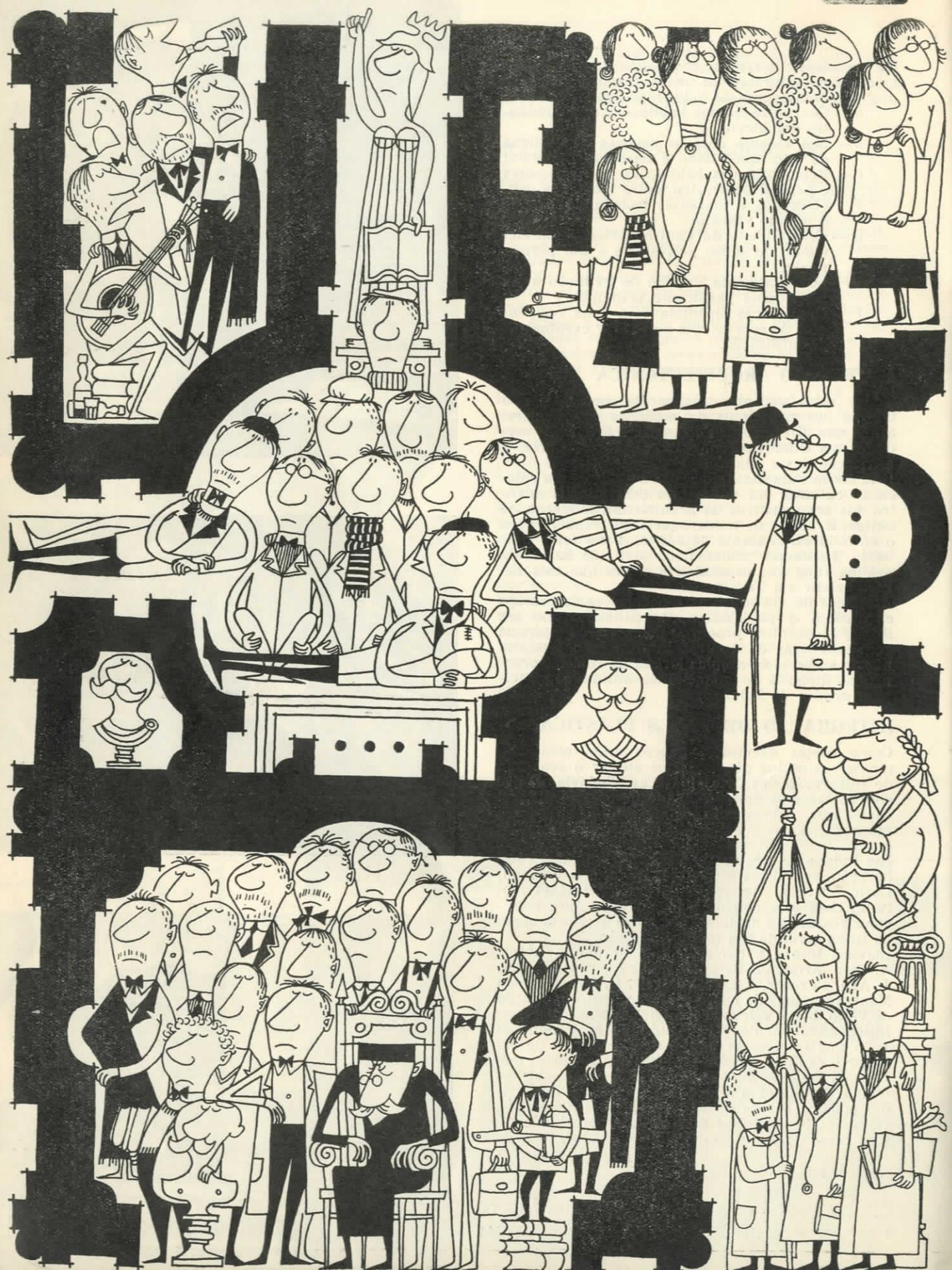
Em Cidade de México intervieram com a sua colaboração os artistas Siqueiros, Riviera, Ó Gorman, Carlos Mérida, Arenos Betancourt, J. Chávez Morado. Com esta colaboração a arquitectura mexicana reatou, ou melhor, inseriu-se rigorosamente na linha geral da sua melhor tradição.

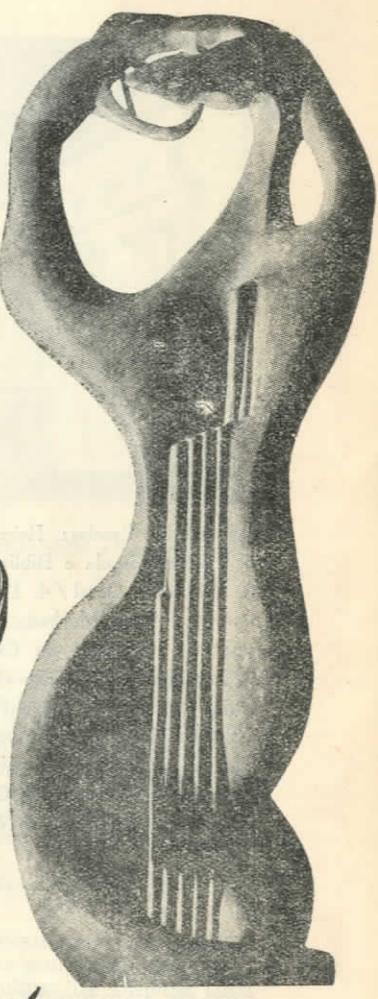
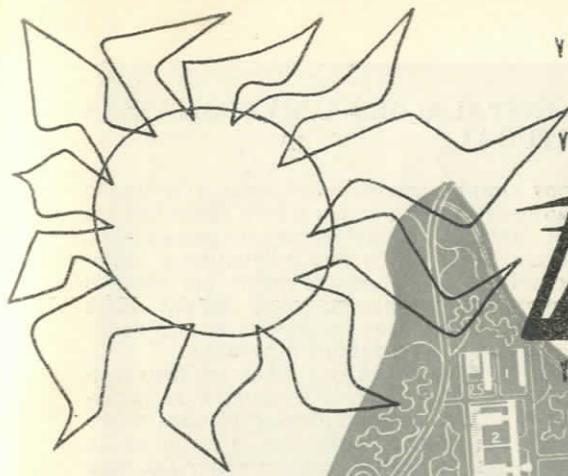
Caracas teve a participação de Fernando Lèger, A. Bloc, Armando Barrios, Henri Laurens, Calder, J. Arp, Pevsner, Victor Vasarely, O. Vigas, Mateo Manauere, repartida entre pintura mural, modelação de vulto, baixo relevo, composições espaciais.

Independentemente da qualidade das produções (não nos interessam aqui), não deixamos de registar o espirito lúcido e esclarecido daqueles que tiveram em suas mãos decidir; pois nós sabemos quanto é crónica a apagada e vil tristeza das lividas construções da nossa terra. Representam pois, vibrantes testemunhos não só de generosidade cívica como de realismo artístico e criador.

MANUEL TAINHA

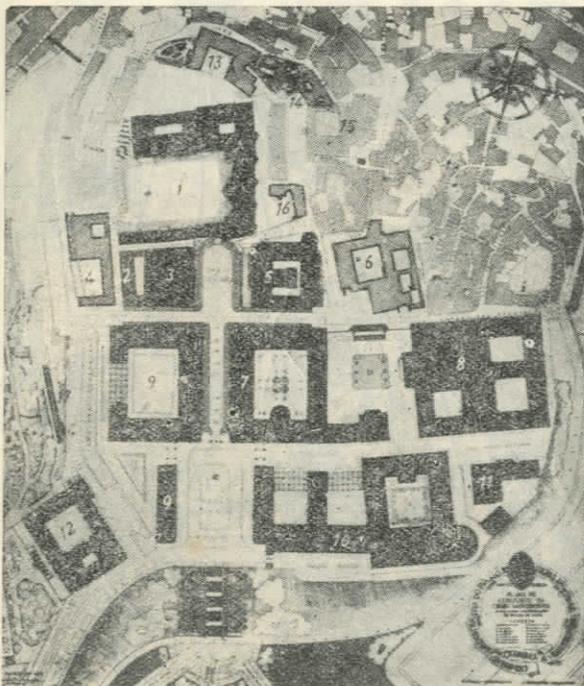






1. Paço das Escolas: Reitoria e Secretaria Geral, Faculdade de Direito, Capela e Biblioteca Histórica / 2. Arquivo Geral / 3. Biblioteca Geral / 4. Lar Feminino / 5. Faculdade de Letras / 6. Museu Machado de Castro / 7. Faculdade de Medicina / 8. Faculdade de Ciências (Zoologia e Mineralogia) / 9. Faculdade de Ciências (Direcção da Faculdade, Matemática, Física, Química e Desenho) / 10. Hospital Escolar / 11. Museu Histórico / 12. Instituto Botânico e Antropologia / 13. Casa dos professores (instalação provisória da Associação Académica) / 14. Instituto de Coimbra / 15. Sé Velha / 16. Escola de Farmácia / 17. Anexo do Instituto Botânico.

CIDADE UNIVERSITÁRIA DE COIMBRA PLANO DE CONJUNTO



NOVAS INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS EM PORTUGAL

Não foi por simples curiosidade, nem a título de informação geral do que se fez e está fazendo pelo Mundo em Matéria de instalações universitárias, que se coligiu, comentou e deu à estampa o material dos capítulos anteriores. Teve-se em vista o esclarecimento do problema, para tornar mais fácil, corrente e útil a apreciação das nossas realizações recentes — suas virtudes e defeitos.

Vai iniciar-se a construção dos edificios universitários de Lisboa, obra de uma importância transcendente para o País e assaltam-nos dúvidas sobre se foi planificada com os cuidados, a largueza de vistas e a informação prévia, vasta e criteriosa, que o caso requeria. Nessas condições, afigura-se-nos um dever para com o País juntar os nossos esforços aos de todos aqueles que se encontram empenhados no êxito de tão extraordinária tarefa.

Os exemplos de novas instalações universitárias, entre nós, não são numerosos nem exemplares. O próprio problema das cidades universitárias só há pouco tempo foi posto. Na realidade, a evolução tem sido lenta, e o reflexo do sistema tradicional do ensino que ainda persiste contribuiu para essa lentidão. No entanto, alguma coisa se tem feito e é evidente que para o novo conjunto universitário de Lisboa a experiência e os ensinamentos colhidos nas obras nacionais devem acrescentar-se à experiência e aos ensinamentos das realizações de além-fronteiras.

Analisemos, pois, os casos do Instituto Superior Técnico e da Cidade Universitária de Coimbra:

O I. S. T., embora seja uma obra isolada, fruto da vontade persistente de Duarte Pacheco, foi o primeiro passo dado, em 1929, no vasto problema da renovação das instalações universitárias portuguesas.

Não faz parte de um plano geral, é mesmo anterior a qualquer ideia de uma cidade universitária entre nós, mas constitui, apesar disso, pela largueza com que foi encarada a sua solução, pela actualidade e pelo volume da obra realizada, um exemplo digno de atenção e de apreço. Fazia prever, até, que a feição das nossas universidades iria tomar um rumo novo.

Para a instalação do I. S. T. escolheu-se, na altura, a localização que parecia melhor: no términus da carreira de eléctricos do Arco do Cego e no limite urbanizado da Cidade. A área reservada ao Instituto, que hoje se não considera grande, foi, então, considerada excessiva. Os próprios edificios foram traçados com generosidade; e, embora se tratasse de um só Instituto, o problema da vida associativa dos estudantes não deixou de ser encarado: destinou-se-lhes um pavilhão privativo, com instalações amplas e, ainda se integraram (isoladamente, é certo) nos espaços entre edificios alguns terrenos de jogos.

Para analisarmos convenientemente a obra do I. S. T. não podemos deixar de a situar no seu tempo e de estabelecer um paralelo com o que nessa época foi feito além-fronteiras, quanto a instalações similares. Dessa comparação ressalta a sua perfeita actualidade. Basta cotejar o plano geral com os das cidades universitárias de Atenas e de Roma (capítulo 2) para se ver o paralelismo formal e de concepção. A instalação dos edificios obedece aos mesmos princípios: a composição axial, a simetria, a secura dos espaços livres e a preocupação dos efeitos monumentais.

A rigidez formal do I. S. T., pouco elástica e difi-



PRAÇA DA PORTA FÉRREA (PAÇO DAS ESCOLAS, BIBLIOTECA GERAL E FACULDADE DE LETRAS)

ilmente adaptável às necessidades de vária ordem de um ensino dinâmico, em constante evolução, num Instituto que agrupa cinco especializações distintas, embora criticável à luz de ensinamentos recentes, eslava, no entanto, certa com as ideias gerais da época em que foi concebido.

Efectivamente, embora em certos países pudessem ser apreciadas realizações de um carácter mais evoluído (as velhíssimas universidades inglesas de Oxford e de Cambridge, algumas universidades norte-americanas e a Bauhaus, na Alemanha) essas eram, de algum modo, realizações precursoras, cujo valor, mal reconhecido, ou mesmo desconhecido, não servia então de exemplo.

Quanto ao grau de influência que o meio docente e o nível do ensino exerceram na feição do novo Instituto sente-se um sôpro de arejamento no carácter, na compartimentação e no equipamento dos edifícios. Mas é sintomática de que não foi muito além de um sôpro, entre outros, a circunstância de nunca se terem construído os dois pavilhões que ladeavam o corpo central, do lado poente, e se destinavam a receber a parte mais viva do ensino: laboratórios experimentais, salas de ensaios com modelos, etc.

Não é segredo para ninguém que se fazem, à boca pequena, as mais severas e variadas críticas à obra da Cidade Universitária de Coimbra. Críticas mordazes, mas pouco construtivas. Críticas que não vão ao fundo dos problemas nem têm em vista — como é o nosso caso — fazer ressaltar ensinamentos proveitosos para actividades ulteriores. Diz um que certo edificio é demasiado moderno; outro que o mesmo edificio é demasiado antigo; outro ainda chama-lhe uma fábrica... de bombons. Há quem deplore a demolição de uma taberna típica, ou quem a aplauda; quem chore os perdas encantos da Alta, ou quem se regozige pela sua modernização; os estudantes inauguraram com uma chuchadeira graciosíssima a escadaria monumental; um conhecido escritor brasileiro assevera que «em mãos ou sob cuidados de norte-americanos uma cidade como Coimbra não sofreria o ultrage da parte de reformistas que acaba de sofrer em Portugal e da parte de portugueses, de latinos, de europeus de lei».

Tão frequentes críticas, indicam, pelo menos, que a obra está longe de ter agradado. Mas a sua disparidade e a sua superficialidade constituem também uma indicação segura do abuso do julgamento à simples luz do critério simplista do gosto pessoal. Será vantajoso manter as coisas nesse pé? Calar as críticas sérias, ponderadas, construtivas e dar asso com tal silêncio ao ferverilhar de ditos, de piadas, de opiniões levianas?

Creemos bem que não. E vamos, por isso, analisar o caso de Coimbra:

Em 1937, Sua Excelência o Presidente do Conselho definiu nas seguintes palavras um verdadeiro programa-base da feição e das obras da Cidade Universitária daquela cidade:

«A Alta é já de si, por obra dos nossos antepassados, uma grandiosa cidade universitária, só bastando para dar-lhe realce e valor libertá-la de incrustados, malfajezos e indignos das construções fundamentais, completá-la com as instalações apropriadas às exigências dos novos estudos. Isolar a colina sagrada, só activa para o estudo na doce e calma atmosfera coimbrã; integrar no conjunto o edificio do Governo Civil, os Grilos, possivelmente S. Bento; fazer sobressair as imponentes massas de construções, hoje afogadas, que são o edificio central da Universidade, Biblioteca, a Farmácia, a Faculdade de Letras, os Hospitais, a Associação Académica, a Sé Nova, o Museu; e — Deus me perdoe! — além de muitas outras coisas feias, deitar abaixo aquela excrecência do Observatório Astronómico para deixar intacto aos olhos encantados o panorama maravilhoso do Mondego, das Lágri-mas, da quinta das Canas, do Seminário, das encostas de tristes oliveiras, com a serra no horizonte longínquo — é obra sem dúvida cara, mas realizável e útil e que só por si dará a Coimbra um lugar excepcional entre todas as universidades do mundo».

A «Comissão Administrativa das Obras da Cidade Universitária de Coimbra», nomeada para o efeito, ocupou-se em seguida de dar realidade ao plano assim definido. Iniciou os seus estudos em 1940 e os primeiros frutos concretos do seu labor estão à vista: A escadaria monumental, o Arquivo Geral, a Faculdade de Letras e o Observatório Astronó-



FACULDADE DE LETRAS - FACHADA PRINCIPAL

mico (destinado a substituir aquele que se demoliu).

Outros importantes edifícios estão em curso de realização, nomeadamente a Faculdade de Medicina e a Biblioteca Geral, segundo um plano de conjunto e projectos parciais que, entretanto, se elaboraram. E da análise desse plano dos edifícios e do que se vem passando em Coimbra é já possível assentar em algumas conclusões úteis de ordem geral:

A primeira é a da excessiva compacidade do conjunto projectado. A «Alta» manifestamente, não comportava a Cidade Universitária que as circunstâncias requeriam. Apesar das extensas expropriações e demolições levadas a efeito, apesar de se terem excluído os sectores residências e associativos, bem como o Observatório Astronómico (construído algures, num belo e amplo terreno); apesar do carácter maciço das faculdades, que esmaga as construções existentes em vez de «as fazer sobressair»; são já evidentes essas insuficiências de espaço e os seus efeitos perniciosos.

A segunda verificação é a do «esgotamento de possibilidades da Cidade Universitária» — problema de singular gravidade. Não se deixou, com efeito, qualquer margem para futuras ampliações dos edifícios, ou para a construção de novas instalações que as circunstâncias venham a exigir. E ambas as coisas são inevitáveis, num prazo mais ou menos curto. A experiência tem demonstrado (vejam-se a esse respeito os capítulos anteriores) que na nossa época, as instalações universitárias se têm desactualizado para as modernas necessidades do ensino e tornado insuficientes para o número crescente de estudantes, em escassos decénios.

Qualquer novo laboratório, qualquer novo anexo, qualquer novo pavilhão que o progresso incessante das Ciências venha a tornar indispensável já não tem cabimento na Cidade Universitária. De modo que são de encarar perspectivas desoladoras: a de ter, um dia, de se limitar o número dos alunos; e a ter, um dia, de se adaptar o ensino às instalações e não estas às necessidades de um ensino eficiente, como seria para desejar.

A falta de espaço foi o factor decisivo nessa concepção defeituosa; mas não o único: a preocupação de fazer de um jacto obra completa, definitiva e aparatosa, bem como as exigências dos enquadramentos monumentais previstos, com simetria obrigatória de recortes em planta, em fachada e equilíbrio forçado de volumes, está também na base dessa situação criada.

E já que se falou em monumentalidade e aparato, digamos alguma coisa sobre esse aspecto. Será a terceira das verificações a acentuar: a da excessiva preocupação de monumentalidade na concepção da Cidade Universitária de Coimbra. Verificação que ressalta do simples exame do plano geral, como o seu grande eixo à maneira, depois abandonada, das composições de 1920-1930 (*ver capítulos 2 e 3*); e que ressalta ainda mais da própria vizinhança com o núcleo central existente da Universidade, muito menos rígido, formal e pretencioso.

Não é que a monumentalidade seja em si mesma qualquer coisa condenável. Longe disso. Apenas, em certos casos, há factores mais importantes a considerar. Factores que se lhe devem sobrepor; que a devem condicionar e limitar. Um templo, um monumento, um Palácio de Justiça, por exemplo, *devem* ser construções monumentais. Destinam-se, em grande parte, a impressionar pelo aspecto e, além disso, possuem um carácter estático quase permanente. Uma universidade, porém, não está nesses casos. Os edifícios devem aliciar e prestar serviço, em vez de impressionar (vide Oxford, Cambridge, México, Hua-Tung, etc.). E, sobretudo, devem ser extremamente flexíveis, para permitirem as adaptações e os acrescentamentos que a sua própria função exige com frequência (repare-se a este respeito nos planos gerais e nas disposições arquitectónicas das novas cidades universitárias apresentadas no capítulo 3).

Outra conclusão, ainda, diz respeito a certas confusões sobre conceitos de tradição:

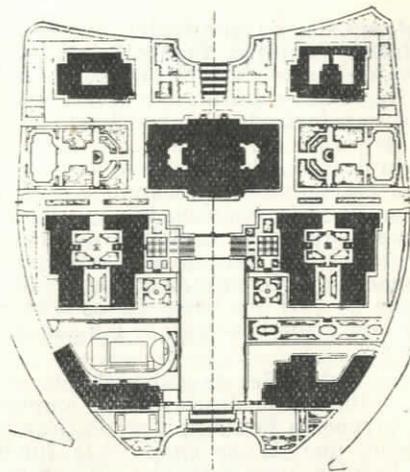
Coimbra é a única cidade universitária portuguesa. Em Lisboa e no Porto existem universidades, porventura mais importantes do que aquela, mas constituídas por edifícios dispersos, frequentados por estudantes dispersos, cujas famílias habitam nessas cidades, salvo excepções, nomeadamente alguns

grupos vindos do Império Português. Esse carácter residencial da Universidade, a comunhão de vida e de interesses da massa estudantil que de aí resulta e a sua projecção no burgo é que definem, em parte avultada, a feição «citadina» das Universidades.

Coimbra era, sob esse aspecto, um exemplo típico: De longes terras vinham estudantes «residir» junto da universidade e viver para ela uma vida especial, diferente, regida por hábitos tradicionais, nem sempre de admirar, mas que constituíam efectivamente, as únicas tradições vivas da universidade: aquelas que marcavam profundamente a formação e o carácter dos estudantes. As «repúblicas» coimbrãs da Alta, com os seus nomes rebarbativos, a sua vida de boémia e de camaradagem, eram, com efeito junto com a Associação Académica, a parte viva e com tradições, da Cidade Universitária. E foi isso, precisamente, que se eliminou da Alta em nome... da Tradição! Do apego a um sitio, apenas, bem vistas as coisas. E isso era fácil de perpetuar sem lhe sacrificar, como aconteceu, toda uma obra de grande vulto e de extraordinária projecção.

(Decidiu-se recentemente completar o plano com um núcleo de residências e com instalações para a Associação Académica. Cremos que os projectos respectivos estão sendo encarados com largueza; mas as relações desses núcleos com o das actividades académicas, principalmente no que diz respeito ao centro residencial, virão a ser sempre defeituosas, pela impossibilidade de o localizar e integrar no conjunto.

A última, a mais importante verificação — de que todas as outras são, no fundo, aspectos parciais — é a que se refere à planificação da Cidade Universitária. Por planificação não pretendemos significar o estudo e o traçado de um plano ou planta geral, mas todo um complexo conjunto de decisões, longamente ponderadas, a partir das quais se tornasse possível estabelecer um critério e um programa pormenorizado, antes de desenhar, de conceber edifícios. O equacionamento prévio do problema, com largueza, a ponderação e o pormenor necessário, teria levado, sem sombra de dúvidas, a aconselhar soluções diversas das adoptadas. Pos-



INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO - LISBOA
PLANO DE CONJUNTO

I. S. T. - LISBOA - VISTA DA ENTRADA PRINCIPAL



sivelmente, até, a de construir uma nova cidade Universitária, completa, flexível, actual — centro de estudos, de residência e de convívio — nos belos terrenos livres dos subúrbios, conservando na Alta, devidamente valorizado, o actual Paço das Escolas, para a Reitoria, os exames e os actos solenes, vinculando desse modo a tradição secular do sítio. As coisas, em Coimbra, passaram-se um pouco à semelhança daquela história da sopa de pedra. E os técnicos a quem foi cometido o encargo de a cozinhar viram-se a braços com uma tarefa difficilima, condenada de avanço ao insucesso, para a boa solução da qual não bastavam os seus reconhecidos méritos, a sua boa-vontade e a sua probidade profissional.

Das futuras instalações da universidade de Lisboa sabe-se que lhe foram destinados os amplos e bem situados terrenos a Ponte do Campo Grande. Sabe-se também que já se encontra a funcionar o Hospital Escolar, peça essencial do conjunto, mas concebida e construída antes de se ter estudado um plano desse mesmo conjunto. Sabe-se mais que foi feito um estudo de parcelamento do terreno com artérias cuja função é pouco clara, se não, até, comprometedora do êxito do planeamento. E sabe-se ainda da existência de uma «Comissão Administrativa das Obras dos Novos Edifícios Universitários», que está prestes a iniciar a construção de duas Faculdades, cujos projectos foram encomendados a um arquiteto estranho à Comissão.

Nada se sabe, porém, sobre a existência dos demorados e complexos estudos prévios indispensáveis para se estabelecer um critério geral e uma base de trabalho; nem sobre a existência dos projectos das demais Faculdades, Institutos e Escolas, sem os quais a construção daquelas duas é mais outra antecipação a dificultar e a comprometer a interdependência e a unidade do conjunto, mesmo que seja grande o seu valor arquitectónico intrínseco.

Os problemas que a realização de uma Cidade Universitária (ou de um conjunto de edificios universitários) levanta, não são manifestamente, compatíveis com uma simples Comissão Administrativa de Obras.

Aquilo que se conhece das mais recentes realizações similares, como as do México e do Rio de Janeiro, por exemplo, onde enormes equipas de arquitectos, com a colaboração de professores e de alunos do ensino superior, bem como de numerosos técnicos de outras especializações, foram chamados a planear e a projectar estes importantes órgãos universitários, dão-nos a medida de uma tarefa situada no primeiro plano das preocupações de um país.

Muitas dúvidas nos assaltam quanto ao que se passa ou irá passar em Lisboa: como poderá uma obra desta natureza fazer-se sem uma planificação prévia pormenorizada e vasta? Onde estão os estudos que serviram para o cômputo das áreas necessárias à sua implantação, com as reservas de espaço indispensáveis no futuro? Quem está encarregado de avaliar as necessidades concretas de cada um dos elementos que irá ingressar mais cedo ou mais tarde no conjunto; e a quem compete determinar quais as características que cada um deles deverá tomar em face das modernas exigências do ensino, mórmente quanto à flexibilidade indispensável dos edificios para futuras adaptações internas?

Quem se encarrega da coordenação destes vários elementos? E onde está a equipa de técnicos capaz de concretizar e de dar forma ao programa (quando o houver)?

Era de esperar que os meios universitários estivessem embalados e atentos ao andamento de tal empreza; que toda a Universidade se sentisse suspensa e interessada num movimento que lhe diz especialmente respeito; que os estudantes pudessem participar numa obra de que serão os principais beneficiários. Mas não é isso que se verifica. O pequeno inquérito que levámos a efeito confirma-o de um modo evidente.

Quando, como é o caso de Lisboa, as várias Faculdades das duas Universidades — técnica e clássica — se encontram dispersas pela cidade, instaladas em edificios caducos, a sua deslocação para novos edificios, concentrados num local ex-cêntrico, envolve muitos e melindrosos problemas, além daqueles, já de si complexos, a que nos temos referido. Não é raro que algumas Escolas tenham atraído, ou procurado, a proximidade de outros organismos capazes de facilitar ou completar o ensino nelas ministrado. Mas como muitos deles têm também uma missão, ou um carácter extra-escolar, nem sempre é fácil avaliar até que ponto podem ou devem acompanhar os estabelecimentos de ensino que completavam. É o caso, por exemplo, da Faculdade de Ciências, do seu Jardim Botânico e do seu Museu de História Natural; da Escola de Belas Artes e do Museu de Arte Contemporânea, bem como dos museus de arquitectura e escultura comparadas — a criar —; é o caso de um observatório astronómico, e diversos outros. Não há dúvida, também, que certos centros de investigação poderiam, ou deveriam, ter cabimento no perímetro das novas instalações universitárias. Mas a decisão carece de ser maduramente ponderada. E é agora, antes de dar início aos trabalhos de construção, que ela deve ser tomada, mesmo que a integração de tais elementos no conjunto só venha a efectuar-se muito mais tarde.

Outro factor importante, ligado às necessidades do espaço a prever e à ordenação de um plano geral eficiente, é o que se refere às residências para estudantes e aos centros de actividades extra-escolares. Mesmo que um grande número continue a viver disperso pela cidade, com as suas famílias, é de prever que as novas instalações universitárias venham a atrair muitos outros, para quem a possibilidade de residir, de conviver, de praticar desportos, junto aos centros do ensino fosse particularmente vantajosa e aliciante.

Ficam assim esboçados alguns aspectos — apenas alguns — cuja importância para o êxito da obra vultuosa e de extraordinária projecção no país e no estrangeiro, exige grandes estudos e cuidados. Para as novas instalações universitárias de Lisboa não seria demais desejar a continuação do caminho esboçado pelo Instituto Superior Técnico. O exemplo das últimas realizações de além fronteiras deveria ser tomado em linha de conta naquilo que elas apresentam de essencial. Os aspectos focados nos capítulos anteriores deixam manifestamente traçado um caminho, cuja ignorância pode acarretar prejuízos de grande monta. A vontade firme de fazer obra duradoura mas flexível, eminentemente actual, deveria nortear a realização do novo conjunto universitário de Lisboa. Fazemos votos para que assim seja.

INQUÉRITO AOS ESTUDANTES SOBRE A NOVA CIDADE UNIVERSITÁRIA

Caros estudantes,

A revista «Arquitectura» pretende dedicar um dos seus próximos números às cidades universitárias. Gostaria de conhecer e de publicar as vossas opiniões sobre a feição desejável da futura Cidade Universitária de Lisboa; porém, dada a impossibilidade de uma consulta geral, dirige-se unicamente às Associações Académicas ou a grupos representativos de diversas Faculdades, Institutos e Escolas Superiores da Capital.

Não se pretende, evidentemente, que nos proponham um programa de conjunto ou das dependências dos vários edifícios que hão-de constituir. Apenas desejaríamos registar pontos de vista, baseados no vosso conhecimento dos problemas universitários, capazes de contribuir para a fixação de um critério geral de concepção da Cidade. Assim, por exemplo:

Quanto ao carácter geral do ensino: Se deve manter a feição passiva actual ou se, pelo contrário, deve tomar uma feição mais activa, onde uma maior participação dos alunos tenha cabimento. É óbvio que os edifícios escolares terão de ser diferentes num e noutro caso: com o predomínio de salas de aula de tipo tradicional, ou com o predomínio de dependências para actividades especificadas — laboratórios, oficinas, teatros, etc.

Quanto ao seu campo de acção: Se a Cidade Universitária de Lisboa deve ser apenas o local onde se ministra e recebe instrução, ou algo mais — um centro de estudos, de residência e de convívio, onde os estudantes possam satisfazer os seus anseios de uma vida rica de contactos pessoais, de actividades culturais extra-escolares, de práticas desportivas, etc...

Quanto ao ambiente geral: Se a Cidade deve impôr-se pela monumentalidade das edificações, ou pela solução adequada dos problemas de ensino moderno num conjunto arquitectónico sóbrio, flexível e harmonioso, enquadrado por messas de arvoredo e isolado da agitação e do tráfego exterior, etc.

Finalmente: Seria desejável que concretizássemos algumas deficiências verificadas na vossa Faculdade, Instituto, ou Escola, que gostaríamos de não encontrar na futura Cidade Universitária de Lisboa.

Da vossa experiência autêntica e actual de estudantes universitários esperamos indicações de elevado interesse. Só lamentamos ter de fixar ao depoimento que lhes solicitamos o limite de uma página e meia de papel de máquina, dactilografada a dois espaços. Mas o desejo de reunir bastantes depoimentos não permite, nas poucas páginas disponíveis da Revista, conceder-lhes maior extensão.

Cordiais saudações
A GERÊNCIA

RESPOSTA DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DE LISBOA

Lisboa, 14 de Março de 1955.

«Arquitectura»
Revista de Arte e Construção
R. Dr. Alexandre Braga, n.º 17, r/c.
LISBOA

Prezados Senhores,

Antes de entrarmos no assunto da V. carta, não queremos deixar de agradecer a V. atenção, expressa no desejo de conhecer a opinião dos estudantes num assunto que se reveste de tanta importância para nós.

Primeira pergunta:

Pensamos que o carácter geral do ensino deveria ser orientado de forma a permitir um maior desenvolvimento do trabalho laboratorial. A excessiva teorização dos cursos, tornando os alunos autênticos receptáculos de teoremas e fórmulas, deveria dar lugar a uma participação mais directa do estudante com a realidade, através da criação de instalações laboratoriais, oficinas, salas pra seminários, etc. De resto, esta questão está intimamente ligada com o problema do desenvolvimento da investigação científica no nosso país, assunto bastante discutido em Assembleias Gerais da nossa Associação. É evidente que sem laboratórios, sem

treino do universitário nesse trabalho, o problema continuará irresolúvel.

Segunda pergunta:

A própria existência da Associação, através de todas as dificuldades em que vive, é uma afirmação magnífica do desejo dos estudantes em se reunirem, de viverem em comum, de realizarem actividades culturais, desportivas, etc.

Terceira pergunta:

Uma Cidade Universitária deve ter um ambiente acolhedor e sóbrio, condições que levam, sem dúvida, a um trabalho mais eficiente. A monumentalidade não se coaduna, a nosso ver, com o carácter do ensino universitário.

Outro aspecto que nos interessa focar é o de instalações para a vida extra-escolar:

— Instalações para a Associação de Estudantes compatíveis com o desenvolvimento que a Associação tem tomado e com o número de alunos existentes na Faculdade;

— Instalações Desportivas: neste aspecto não interessa considerar a monumentalidade das instalações, mas sim a sua disposição, de forma a um fácil acesso à utilização dos campos de jogos, piscina, ginásio, etc.

— Lar Universitário: As instalações para os estudantes que vivem longe da família urge ser considerado: a construção desses lares, junto da Cidade Universitária de encontro ao desejo dos estudantes. Parece-nos de grande importância a situação de

instalações escolares isoladas da agitação exterior, proporcionando o sossego indispensável a um trabalho que exige grande concentração.

Quarta pergunta:

De facto, passaremos apenas a enumerar algumas deficiências, além daquelas que estão implícitas nas respostas anteriores. São elas: iluminação das salas, condicionamento de ar, condições acústicas, instalações de bibliotecas e ainda, quartos confortáveis bem iluminados, restaurantes universitários, boas instalações sanitárias, postos médicos e salas de estar e convívio.

Sem outro assunto, enviamos as nossas melhores

Saudações Académicas

O Vice-Presidente

(a) Olímpio Mendes de Matos

RESPOSTA DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

Lisboa, 23 de Maio de 1955.

A gerência da revista «Arquitectura»

R. Dr. Alexandre Braga, n.º 17, r/c.

LISBOA

Ex.ªs Senhores,

Enviamos junto a nossa resposta ao vosso inquérito, esperando que ela esteja de acordo com o que V. V. pretendiam, tanto no tamanho, como nos assuntos focados.

Mais uma vez enalteçemos a vossa iniciativa que certamente não deixará de ser um contributo para a nova Cidade Universitária.

Sem outro assunto enviamos as nossas mais cordiais

Saudações Académicas,

(a) Vítor Velez Borralho

(1.º Secretário)

A nossa Escola já tem instalações definitivas, no entanto, a Cidade Universitária, como centro nacional de cultura, interessa a toda a Nação e é nessa medida que apresentamos a nossa resposta ao vosso inquérito.

Concordamos com a Cidade Universitária mas seria muito perigoso se ela contribuisse para um isolamento entre os estudantes e a restante população. Os estudantes não constituem um estrato mas estão, sim, integrados nas diversas camadas populacionais; um isolamento só poderia produzir indivíduos eternamente deslocados por não conhecerem nem sentirem os seus verdadeiros e reais problemas. Se os universitários se destacam pelos seus conhecimentos, não os devem guardar para si, têm implicitamente uma missão: a difusão e a elevação do nível cultural do país. Muitos meios têm, ou devem ter, à sua disposição: conferências por estudantes e professores, espectáculos e exposições nas zonas e meios não estudantis, imprensa estudante e publicação de obras de iniciação e de especialização, etc.

O ensino deve tomar feição activa de molde a pôr o estudante em actividade prática, trabalhando em laboratórios, oficinas, etc., condição necessária para poder assimilar os conceitos teóricos. Os estu-

dantes devem participar na resolução dos problemas da Escola, como sejam as reformas dos programas, os horários, o equipamento escolar, etc., em que as suas opiniões são concerteza de real valor. O ensino não se deve limitar aos cursos normais. Esperamos encontrar na Cidade Universitária um centro nacional de estudo e investigação com laboratórios de investigação científica, onde professores e alunos, sob a orientação daqueles, trabalhem lado a lado. Deve ser prevista a possibilidade de cursos universitários nocturnos e de pequenos cursos de aperfeiçoamentos e especialização para trabalhadores e camponeses não universitários. Os programas devem ser realistas, isto é, devem estar de acordo com as necessidades, possibilidades, e riquezas nacionais, de modo a que os recém-formados encontrem, ao sair da escola, uma ocupação em que apliquem o que nela aprenderam e não fiquem na situação de aprendizes ou desempregados: a Escola deve servir a Nação e não o contrário. Isto conduz a uma maior especialização e o ideal seria, que dentro da Escola ou Faculdade se exercesse já uma semi-profissão (ex. dentro da Faculdade de Electricidade funcionaria uma pequena central eléctrica); por outro lado, por uma questão de eficiência, é natural que a Cidade Universitária não seja o local mais indicado para algumas Escolas e Institutos.

O centro da Cidade seria ocupado pelo conjunto dos edifícios principais, num estilo sóbrio, mas vivo e harmonioso. Pavilhões de Institutos, laboratórios, museus, oficinas, etc., espalhar-se-iam racionalmente por toda a zona, transformada em parques e jardins. O edifício central teria alas e um corpo central com bastantes andares de modo a incluir a Reitoria, Sala de Actos, Biblioteca Central, Associação dos Estudantes, salas de estudo, etc. Alas deste edifício seriam dedicadas à habitação dos estudantes e dos professores, com apartamentos individuais para cada aluno; refeitórios, etc. Mas a Cidade, além de centro de estudo, deve ser, também, centro de convívio e de actividades culturais e desportivas extra-escolares. A arte, a literatura, a filosofia, e a aquisição de conhecimentos delas, já deixou de ser actividade individual para se transformar em resultado de trabalho colectivo. Nesse sentido, os alunos precisarão de encontrar, para a sua Associação de Estudantes, instalações como biblioteca cultural e artística; salões de teatro, cinema, de recitais e concertos, de exposições; tipografia e imprensa, etc. Por outro lado, ginásios, piscina, estádio, etc., impõem-se para a prática de desporto. A administração, orientação e centralização de todas estas actividades extra-escolares, pertencerão, como tem sido até agora, e como é lógico, aos estudantes, primeiros interessados, representados pela sua Associação. É o trabalho em comum na resolução dos problemas que lhes dizem mais directamente respeito que cria o espírito de colaboração e de unidade capaz de dar ao trabalho escolar e depois profissional, o espírito de equipa indispensável na vida em sociedade.

Para terminar, referimo-nos à nossa Escola, na qual, apesar das suas instalações serem das melhores do país, notamos deficiências que, certamente, a futura Cidade Universitária não conterá. São, por exemplo: número reduzido de salas de aula, de laboratórios e deficiente apetrechamento, implicando turmas demasiado extensas, reduzida prática laboratorial; horários que não permitem uma actividade extra-escolar cultural e desportiva; falta de comodidades, de certo modo essenciais, como aquecimento durante o inverno, etc., etc.

RESPOSTA AO INQUÉRITO DA REVISTA «ARQUITECTURA» SOBRE AS CIDADES UNIVERSITÁRIAS

Respondendo à carta-inquérito, através da qual a revista «Arquitectura» se dirige a nós, estudantes de Belas Artes, parece-nos necessário acentuar a dificuldade que envolve uma resposta suficientemente clara e sobretudo concreta a um tema como «a cidade universitária».

É que, considerando a formação de uma cidade universitária em Lisboa como o imprescindível espaço para a realização harmónica de uma reforma progressiva do ensino, e vendo a enorme complexidade de problemas que o planeamento de uma «cidade» levanta, verificamos que, fazendo parte integrante dessa mesma universidade, não podemos ter senão umas vagas noções teóricas e uma quase nula experiência de vida comunitária.

Mas há dois aspectos que nos parecem fundamentais.

Primeiro: poder-se-há encarar a concepção de uma cidade universitária exteriormente a uma concepção da universidade como uma comunidade viva? Baseados na experiência amarga e longa da vida universitária, pensamos que se impõe todo um estudo enérgico e desempoeirado da actualização do ensino, só válido se ele for feito, não apenas como correcção técnica da deficiência de pormenor, mas em relação, no seu fundamento, ao homem e à comunidade nacional, o que implica uma estrutura autónoma, orgânica, comunitária.

Pensamos em relações à escala humana entre mestres e alunos; pensamos num papel adulto e activo dos estudantes, imprescindível à promoção da universidade; pensamos numa distinção menos nítida entre faculdades numa base comum que seja a resposta a uma comum missão perante a realidade nacional (base essencialmente humanista, de que actualmente a universidade se abstém) situando a cultura — e não a especialização — como elo de ligação entre todos os professores e alunos universitários. E estamos, portanto, pensando numa cidade universitária que localize em si toda a actividade dos estudantes e professores universitários, afinal uma cidade universitária que resolva os problemas actuais de residência, culturais e desportivos dos universitários e os problemas especiais de cada escola. E julgamos estar interpretando as ideias da grande massa universitária quando dizemos não serem as deficiências apontadas casos meramente acidentais mas sim produtos de atitudes erradas, estáticas, anti-pedagógicas.

Eis o que nos parece ser o primeiro ponto a encarar: só integrada numa reforma do ensino feita desde a raiz e planificada com espírito aberto, com a colaboração de todos os corpos da vida universitária e das várias especializações — pedagogia, administração, economia, sociologia, sintetizadas na arquitectura e no urbanismo — se poderia encarar o planeamento da cidade universitária para a universidade que o país precisa. Só assim o seu nascimento seria orgânico, assim se deveriam ter passado as coisas. Mas não nos iludamos: ninguém acredita já num movimento enérgico da universidade para as suas verdadeiras responsabilidades, nem a universidade como corpo sentiu e contribuiu — para não dizermos soube — desse planeamento.

E só agora podemos encarar o segundo aspecto: é que nesse planeamento joga a arquitectura um papel decisivo. Se a concepção arquitectónica não é alimentada, não apenas no seu programa mas mais profundamente na sua expressão, por essa mentalidade geral renovadora da velha universidade, se se continua a esquecer como base da universidade o estudante, como exigir a escala humana nas aulas, nos corredores, nos átrios, nas zonas comuns, em vez do monumentalismo das grandes massas e da imponência exhibicionista de fachada (evidente no Hospital Escolar); quando a universidade não tende a procurar vigorosamente a sua vida orgânica e comunitária, como se poderá exigir a ultrapassagem da velha ala, da velha noção de corredor e café (que é toda a triste vida de convívio que hoje é facultada ao estudante).

Duvidamos que a construção de uma cidade possa vencer por si só os vícios de base e o sono da instituição universitária, e tememos que o poder desta estiole profundamente a própria concepção arquitectónica. É necessário que se sinta claramente a arquitectura moderna identificada com as aspirações da sociedade contemporânea e com a cultura de hoje. Só assim julgamos possível a construção de uma cidade universitária actual.

Poderá corresponder esta obra que se inicia a esta esperança? Se não, mais uma vez esta pobre geração que vos tenta responder sairá traída.

A Comissão Organizadora da Associação Escolar da Escola Superior de Belas Artes, de Lisboa.

(aa) Nuno Portas

J. Jorge Escada

Sebastião Fonseca

Manuel Moreira

Leopoldo de Almeida